



Universidade de Brasília

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

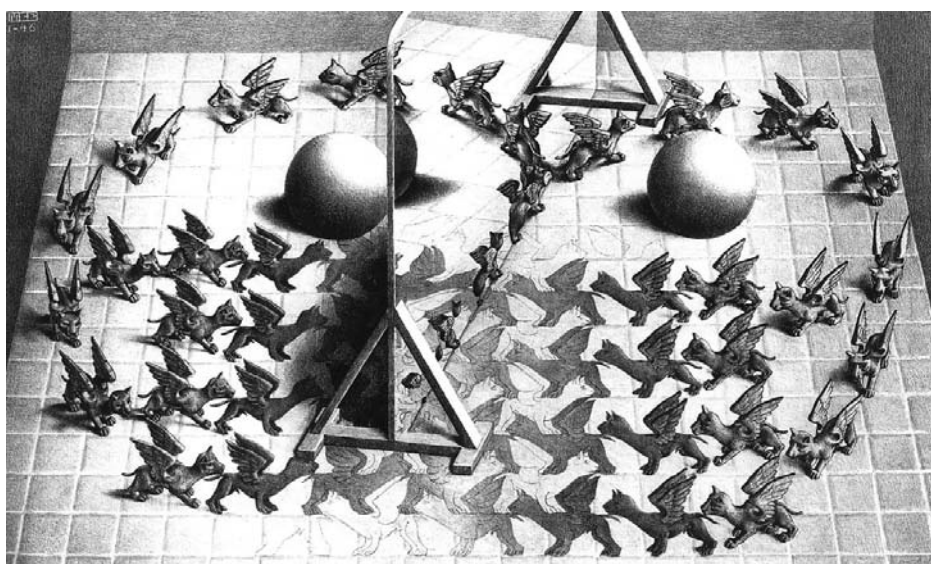
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

MONOGRAFIA FILOSÓFICA

ORIENTADOR: PROFESSOR DR. WANDERSON FLOR DO NASCIMENTO

MEMÓRIA EM SUPERFÍCIE COMO RECORDAÇÃO CÊNICA:

IMPULSO, CORPO, AÇÃO.



M.C. Escher (1946)

POR

SÉRGIO D'ARAGÃO

daragaophi@gmail.com

@daragaophi

BRASÍLIA

Dezembro, 2011

DEDICATÓRIA

Aos Três Inesquecíveis Dáblios:

W.: "Non dvcor, dvco!"

W.: "Non, je ne regrette rien!"

W.: "Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar!"

EΙΣ ΜΟΥΣΑΣ

AGRADECIMENTOS

Aos “Três Reis Magos” – que, provavelmente, jamais me perdoarão por tal designação – do Departamento de Filosofia, os Professores Doutores: **Nelson Gomes, Julio Cabrera e Scott Paine**, minhas referências de um filosofar vivo e brilhante, pelas lições eternas.

Ao meu Orientador: Professor Doutor **Wanderson Flor do Nascimento**, pela condução atenta, paciente, elegante e cordial deste trabalho, Mestre Dileto e Educador verdadeiro.

À Professora Doutora **Wânia de Aragão-Costa**, pela revisão desta obra, pelo apoio e incentivo na vida acadêmica e pelo respeito e amor incondicionais e inesquecíveis.

À Diletíssima Mestra: Professora Doutora **Sandra Lúcia Rodrigues Rocha**, que vem me conduzindo com firmeza e doçura pela árdua senda do Helenismo.

A **Leandro Pontes** (*in memoriam*), amigo querido que primeiro me orientou para os “des-caminhos” da Psicanálise. Esteja em paz!

Aos caríssimos amigos: **Elzahrã Osmam, Victor Prôa** e, muito especialmente, **Yuri Briedis**, pelo carinho, lealdade, paciência, alegria, momentos de plenitude e diálogos sublimes. Que estejamos sempre juntos!

Não temer o esquecimento de quem não se pôde esquecer...

Waltencir dos Santos Costa, recordado

Mas o agregado abstrato das saudades

Fique batendo nas perpétuas grades

Do último verso que eu fizer no mundo!

Augusto dos Anjos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	I. IMPRESSÕES ORIGINÁRIAS: IMAGENS, PALAVRAS E RECORDAÇÕES.....	7
3	II. UM ANEL E MUITAS CERAS: “A FICÇÃO DO OBJETO MATERIAL ISOLADO”	19
4	III. BERGSON COM FREUD, EM CENA: AÇÕES.....	27
5	IV. NAS SUPERFÍCIES, RE-PERCUSSÕES.....	37
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
7	REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

τὰς ἐν Πιερίῃ Κρονίδῃ τέκε πατρὶ μιγείῃσα
Μνημοσύνη, γουνοῖσιν Ἑλευθῆρος μεδέουσα,
λησμοσύνην τε κακῶν ἄμπαυμά τε μερμηράων.

Na Piéria gerou-as, da união do Pai Cronida,
Memória, rainha nas colinas de Eleutera,
para obliuio de males e pausa de aflições.
(Hesíodo)

*Canta Musa-mãe de olhar suave, por tuas Filhas, as tentativas dos homens
em perscrutar teus mistérios!*

O discurso acerca dos enigmas da memória tem origem mítica e se confunde com as origens canônicas do pensamento ocidental. Diferentemente de outras “faculdades do espírito humano” como a percepção, ou a sensação, a Memória (Μνημοσύνη) foi figurada pelos poetas helênicos, como Hesíodo, entre as divindades primordiais. Isto é perfeitamente compreensível, antropologicamente, ao considerarmos o papel fundamental da oralidade na cultura grega arcaica e clássica.

A filosofia grega antiga mesmo ao, supostamente, afastar-se do pensamento mítico, conservou e reforçou, em sua evolução, a importância das reflexões sobre a memória e, assim – sendo a cultura helênica a “matriz” do pensamento ocidental – o problema manteve sua centralidade, ao longo de toda história da filosofia. Hoje, trata-se, portanto, de um ponto de passagem “obrigatório”, sobretudo para a Epistemologia, Filosofia da Linguagem, Filosofia da Mente, Psicologia, Psicanálise, bem como para todas as chamadas “Neurociências”.

No conjunto das teorias acerca da memória desenvolvidas, ao longo do tempo, nesses diversos campos do saber, avulta-se a abordagem filosófica feita pelo francês Henri Bergson (1849-1941), consolidada em 1896, quando da primeira publicação de *Matière et mémoire* (*Matéria e Memória*), seja pela *abrangência*, uma vez que engloba das disfunções neurológicas à ontologia, passando pela ética, ao pretender ser, como anuncia no subtítulo do livro, um “*Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*”; seja pela *originalidade* da sua solução ao problema tradicional do dualismo, uma vez que, segundo Frédéric Worms (2010,p.6), em tradução livre: “consiste em compreender a diferença mas também a unidade entre a matéria e o

espírito, para além das oposições artificiais que tornaram o problema aparentemente insolúvel na tradição filosófica.”¹.

Contudo, decorrido mais de um século de sua publicação, o oceano de possibilidades filosóficas que tal obra desvelou permanece pouco explorado, particularmente no que tange às aplicações em áreas como a Psicanálise e as ditas “Ciências Cognitivas”. Este estudo explora, portanto, desenvolvimentos e interações possíveis da teoria bergsoniana da memória, a partir da investigação do problema: *Qual é o status da memória sob os pontos de vista mítico, epistemológico, psicológico e ontológico?*

O pressuposto para tal investigação é o de uma interligação entre estes quatro campos, os quais, no caso do conceito de ‘memória’ e dadas as proposições de Bergson, podem desdobrar-se em: *filosófico, ético, psicanalítico e clínico*.

Desta maneira, no primeiro capítulo é abordada a evolução da ‘memória’ no pensamento grego, paralelamente à “transição” do “mito” para a “filosofia”, utilizando-se para isto de um recorte de textos do período arcaico e do período clássico, em conjunto com as análises do próprio Bergson.

O problema epistemológico da representação, fundamental para a compreensão dos processos de “armazenamento” e “recuperação” da informação pela memória, é o objeto do segundo capítulo, a partir da confrontação de ideias platônicas com a biologia da cognição de Maturana&Varela – além da teoria da relação entre percepção e memória de Bergson – que aponta para os desdobramentos **éticos** da epistemologia.

Em seguida, no terceiro capítulo, são analisadas as visões psicológicas de Bergson e Freud, apontadas as distinções entre metodologias e exploradas as interações entre o pensamento e a “ação prática”, é buscada, ainda, uma aproximação entre as teorias por meio de Aristóteles, com sua distinção entre ‘memória’ e ‘recordação’, a qual contextualizada na **Psicanálise**, conduz ao conceito de ‘**recordação cênica**’.

O quarto capítulo, por fim, contempla, retornando à perspectiva mítica, a ontologia do passado e da memória, ao investigar, finalmente contribuições de Bergson para a psicanálise e delineando o que poderia ser a aplicação na recordação cênica na **clínica**, a partir dos desdobramentos da ‘**boa superfície**’.

¹Présentation da primeira edição crítica de *Matière e mémoire* (Quadrige/PUF- 2010)

I

IMPRESSÕES ORIGINÁRIAS: IMAGENS, PALAVRAS E RECORDAÇÕES

ἐδιζήσάμην ἐμεωυτόν.

Fui em busca de mim mesmo.

(Heráclito de Éfeso)

Um dos entendimentos possíveis da atividade filosófica é a de busca de *princípios* ou *origens*, neste sentido adotou-se, como método propedêutico, a investigação dos sentidos e empregos *originários*, no pensamento helênico, do termo ‘memória’ (μνήμη), seus correlatos e derivados, quer considerando sua importância e transfigurações míticas na *Teogonia* de Hesíodo, quer as análises propriamente filosóficas de Platão no *Teeteto* e Aristóteles em *Acerca da memória e da recordação*, as quais – ao evidenciarem o conceito de ‘imagem/impressão’, entre outros aspectos – apresentam possíveis pontos de contato com a teoria bergsoniana, como se pretende demonstrar. Cada texto selecionado servirá também como marco “arcaico” para os capítulos subsequentes, os quais têm por meta discutir a abordagem feita por Bergson, sob óticas epistemológica, psicológica/psicanalítica e ontológica, respectivamente.

A *Teogonia*, categorizada como uma das principais produções poéticas do Período Arcaico (séc. VIII-VI a.C.) e, juntamente com os poemas homéricos, considerada fundante da cultura na nascente civilização helênica, apresenta uma cosmogonia a partir da “geração dos deuses”, delineando seus atributos e conflitos. A primeira referência (indireta) à memória que pode ser apontada diz respeito à própria estrutura do texto que denuncia a “marca da oralidade”, segundo Torrano (2007, p.16), a saber: “nos catálogos (listas de nomes próprios) que se oferecem como um **espetacular jogo mnemônico**, que só a habilidade do poeta redime do gratuito e lhe confere uma função motivada e significativa dentro do contexto do poema.”(grifo nosso)

Logo na primeira parte [*Proêmio: hino às Musas, versos 1:115*], Hesíodo inicia as referências diretas à ‘memória’, louvada em sua obra como a Deusa *Mnēmosýnē* (Μνημοσύνη), progenitora das nove *Moûsai* (Μοῦσαι) – na interpretação de Torrano (2007, p.16 e 20) as próprias “Palavras Cantadas” invocadas pelo “Canto” e, concomitantemente, constitutivas dele – a partir de nove intercursos com

Zeus. Há, portanto para Hesíodo, uma dignificação primordial tanto da palavra/linguagem em seu “poder ontofântico”², quanto da memória não apenas como uma faculdade psicológica, mas também como **potência ontológica**, fundante da **linguagem e do ser mesmo**:

O *aedo* (Hesíodo) se põe ao lado e por vezes acima dos *basileis* (reis), nobres locais que detinham o poder de conservar e interpretar as fórmulas pré-jurídicas não-escritas e administrar a justiça entre querelantes e que encarnavam a autoridade mais alta entre os homens. Esta extrema importância que se confere ao poeta e a poesia repousa em parte no fato de o poeta ser, dentro das perspectivas de uma cultura oral, um cultor da Memória (no sentido religioso e no de eficiência prática), e em parte no imenso poder que os povos ágrafos sentem na força da palavra e que a adoção do alfabeto solapou até quase destruir. Este poder da palavra se instaura por uma relação quase mágica entre o nome e a coisa nomeada, pela qual o nome traz consigo, uma vez pronunciado, a presença da própria coisa. (TORRANO, 2007, p.16-17, grifo do autor)

Assim, verifica-se o entendimento da atividade poética de **nomeação** como uma passagem do ‘esquecimento’(campo do *não-ser*) – “não como um fato psicológico, mas como uma força numinosa de ocultação, de encobrimento” (TORRANO, 2007, p.25) – para a ‘presentificação’(campo do *ser*) realizada pela própria revelação dos nomes divinos pelo poeta; isso acaba por ser mostrar na análise semântica da ‘verdade’ entre os gregos – muito explorada filosoficamente por Heidegger – como ‘*alétheia*’ (ἀλήθεια): termo que indica, etimologicamente, um ‘*não-esquecimento*’ ou, para falar “heideggerianamente”, um ‘des-velamento’. Mas, seguindo o texto da *Teogonia*, *Mnēmosýnē* também gera as *Moûsai*: “para obliúio de males e pausa de aflições”(verso 55) (λημοσύνην τε κακῶν ἄμπαυά τε μερμηράων), indicando que:

O próprio ser das Musas geradas e nascidas da Memória as constitui **como força de esquecimento e de memória**, com poder entre presença e ausência, entre a luz da nomeação e a noite do obliúio. Porque as Musas são o Canto e o Canto é a Presença como a numinosa força da parousia: este é o reino da Memória, Deusa de antiguidade venerável, que surge da proximidade das Origens Mundificantes, nascida do Céu e da Terra (v.135) (TORRANO, 2007, p.26, grifos nossos)

²Ou seja, o poder de trazer “o ser” ou “aquilo que é” (τὸ ὄν) à manifestação, de revelar as coisas trazendo-as ao plano da existência pelo ato de nomeação, assim: “o maior encanto da poesia reside no seu poder de instaurar uma realidade própria a ela, de iluminar um mundo que sem ela não existiria.” (TORRANO, 2007, p. 20)

De fato aqui, Torrano já evoca a segunda referência direta feita por Hesíodo à Memória (*Mnēmosýnē*) que situa a sua “geração” entre os Deuses primordiais, filha de *Gaia* (Terra) e *Ouranós* (Céu) e, portanto irmã de *Crónos* (Tempo), *Théia* (Visão), *Rhéia* (Fluxo) e *Thémis* (Lei) entre outros **Titãs Uranidas**, trata-se de uma genealogia particularmente significativa no contexto teogônico, pois:

Enraizada nas Origens distinguem-se três Linhagens: a do Caos, a do Céu e a do Mar. [...] O Céu, lícido e dominador de todas as paisagens, funda a Linhagem dos que se caracterizam predominantemente pela inteligência, lucidez e exercício do domínio. Entre os primeiros filhos do Céu estão duas das primeiras esposas de Zeus: Thémis (a Lei que vigora no interior da família, conforme o modelo indo-europeu) e Mnemosyne (a Memória, mãe das Musas). A Linhagem do Céu é a dos reis Crono e Zeus (TORRANO, 2007, p.58-59).

Deste modo e ainda, assumindo o pressuposto exegético, considerado válido para toda *Teogonia*, de que: “o ser próprio dos pais se explicita e torna-se manifesto na natureza e atividade dos filhos.”(TORRANO, 2007, p.31); pode-se inferir o **papel ontológico central** da Memória para os helênicos, em sua caracterização mítica como filha do “espaço/totalidade”(Terra-Céu), irmã do “tempo” (Crono), da “visão/sentido”(Téia), do “fluxo” (Réia) e da “lei” (Témis), esposa do “poder”(Zeus) e mãe da(s) “linguagem/palavras” (Musas) criadora(s)/reveladora(s) da realidade. A terceira e última referência direta que Hesíodo faz à Memória diz respeito justamente ao seu matrimônio com Zeus, já entronizado como rei dos deuses, e a sua descendência: “Amou ainda Memória de belos cabelos, dela nasceram as Musas de áureos bandôs, nove, a quem aprazem festas e o prazer da canção.”(*Teogonia*, v.915-917). Observa-se que esta citação derradeira, não por acaso, ocorre na última parte do poema, que trata dos *Deuses Olímpicos* [v.881-1020] e **retoma o Proêmio**, evocando, estruturalmente, um princípio de **continuidade** “circular” e apontando para uma **imanência**, pois:

Memória, filha da Terra e do Céu, está na raiz da natureza da Terra e do Céu, esses Fundamentos eternamente presentes em si mesmos, e está na raiz de todos os entes e eventos com os quais configura a Totalidade Cósmica, já que se compõe de uma simultânea sucessão de momentos imóveis, um conjunto de séries a cruzarem-se de mo(vi)mentos de inextinguíveis esplendores, - esplendores que as trevas obliviais do Não-Ser não encobrem porque são o próprio ser divino, recolhidos por Memória e esplendentes ao serem nomeados pelos nomes-nomes nascidos da Memória e de Zeus, as Musas. [...] E a relação entre os entes e os eventos é da ordem da **concomitância**, não a de causa e efeito. (TORRANO, 2007, p.68-69, grifo nosso)

Há que se ressaltar, ainda, que a narrativa poética/mítica aponta para uma **temporalidade** que lhe é **própria**, como Hesíodo deixa transparecer já no *Proêmio*, referindo-se às Musas: “e inspiraram-me um canto divino *para que eu glorie o futuro e o passado* (ἵνα κλείοιμι πᾶτ’ ἑσσόμενα πρό τ’ ἔόντα), impeliram-me a hinear o ser dos venturosos sempre vivos e a elas primeiro e por último sempre cantar.” (v. 31-34, grifos nossos), desta forma, como observa Torrano (2007,p.27): “Gloriar é expor um ser ou um fato à luz da manifestação, [...] Assim, passado e futuro, equivalentes na indiferença da exclusão, pertencem do mesmo modo ao reino noturno do Esquecimento até que a Memória de lá os recolha e faça-os presentes pelas vozes das Musas”. Tal perspectiva **cíclica** se revela, ainda, no modo de geração das Musas: “**Nove noites** teve uniões com ela o sábio Zeus longe dos imortais subindo ao sagrado leito. *Quando girou o ano e retornaram as estações* [ἀλλ’ ὅτε δὴ ῥ’ ἐνιαυτὸς ἔην, περὶ δ’ ἔτραπον ὥραι] com as mínguas das luas e muitos dias findaram, ela pariu **nove moças** concordes...” (v.56-60, grifos nossos). Também se observe simbolismo “universal” do algarismo ‘nove’, último “necessário” para a composição/designação de todos os números que lhe seguem, bem como a técnica narrativa de *ring composition* (comum não apenas nos mitos gregos) que “re-vela” as Musas: “... nove filhas nascidas do grande Zeus: Glória, Alegria, Festa, Dançarina, Alegria-coro, Amorosa, Hinária, Celeste e Belavoz, *que dentre todas vem à frente* [τε Καλλιόπη θ’ ἥ δὲ προφερεστάτη ἐστὶν ἀπασέων].” (v. 76-79, grifos nossos).

Fica claro que o “conceito” de ‘memória’ no plano mitológico helênico **supera** e muito a acepção psicológica atual, uma vez que, como conclui Torrano(2007,p.78) em sua densa análise: “não é uma Memória individual que deva conservar (e servir a) vicissitudes e singularidades factuais restritas à história de um indivíduo, – é, sim, uma Memória cosmo-gônica, é uma Divindade cujo ser é dado por esse mesmo mo(vi)mento da ordem ao Mundo (o *momentum* cosmogônico).” De fato, no desenvolvimento da cultura grega, a grandiloquência e crueza míticas vão perdendo espaço para a realidade dos homens a partir do advento do gênero lírico e da prosa, pois:

Só quase um século depois de Hesíodo surge, com Arquíloco de Paros, a poesia lírica que, tematizando o aqui e agora, os sentimentos, atitudes e valores individuais do poeta, constitui-se com seus metros vários um novo gênero, uma nova gênese [...] Ao mesmo tempo e solidariamente ao nascimento da lírica, os primeiros pensadores jônicos e logógrafos (autores de registros de fundações de cidades-colônias e de genealogias da nobreza) começam a elaboração da prosa; [...] Com os pensadores a linguagem põe-se a caminho de tornar-se abstrato-conceitual, racional,

hipostática e desencarnada [...] Com os poetas líricos a linguagem perscruta a realidade do indivíduo humano, examina seus sentimentos, valores e motivações, até começar a transmutá-los e transportá-los, de forças divinas que eram (v.g. *Éros, Éris, Aidós, Apáte, Áte, Lyssa*, etc.) para um interiorizado *páthos* humano (amor, rivalidade, pudor, engano, loucura, furor, etc.). (TORRANO, 2007, p.17)

Assim, no Período Clássico (séc. VI-IV a.C.), o desenvolvimento do pensamento filosófico – o qual, segundo a difundida assertiva historiográfica canônica, ocorre como uma “reação” às respostas/justificativas míticas acerca do mundo e do homem – irá, embora conservada sua centralidade nas discussões, restringir o “problema da memória” aos campos da “epistemologia” e da “psicologia”. Não obstante, Platão, ao investigar a questão do “conhecimento como ciência” (ἐπιστήμη) no *Teeteto* (*Teet.*), evoca ainda uma **origem divina/mítica** da faculdade da memória, conforme a tradução de Bini (2007, p. 123): “Digamos, então, que isso é uma dádiva de Mnemosine, a mãe das Musas...” (*Teet.*, 191d), e ainda, segundo a interpretação de Abbagnano (1999), fracassando nas tentativas de responder satisfatoriamente à pergunta: “O que é o conhecimento?”, aponta, com isso para um “questão ontológica de fundo” pois:

Se se pretende justificar a realidade do ser e a verdade do conhecimento, necessário é que se alcance um ser que não seja puramente objetivo mas compreenda em si o conhecimento, ou um conhecimento que não seja puramente subjetivo, **mas compreenda em si o ser** (ABBAGNANO, 1999, p.124, grifos nossos).

Também a exemplo da *Teogonia*, a primeira referência à memória transparece na **estrutura formal** do *Teeteto* (semelhante à do *Banquete*), uma vez que se trata de um relato (uma **recordação**) da discussão entre Sócrates, Teodoro e Teeteto, registrado posteriormente, em forma de livro, por Euclides, como se verifica na passagem a seguir:

Terpsion: E parece que ele estava certo. Mas que diálogo foi esse? Poderias narrá-lo?

Euclides: Não, por Zeus! Ao menos, **não de memória**. Entretanto, na ocasião fiz anotações a respeito tão logo retornei para casa. Mais tarde, com tranquilidade, à medida que **recordava as coisas registrava-as**, e toda vez que ia a Atenas costumava indagar a Sócrates sobre o que não conseguia **lembrar**; e quando voltava fazia correções, de forma que tenho escrita praticamente toda a conversa. (*Teet.*, 143a, grifos nossos)

Considerando os objetivos deste trabalho, não é tanto a questão epistemológica central (“O que é o conhecimento?”) que parece interessar, mesmo porque as definições ao longo do diálogo são sucessivamente frustradas por

Sócrates e passíveis de descarte como “ovos sem gema” (*Teet.*210b), mas o delineamento de uma “psicologia” platônica que se desenvolve como pano de fundo para as indagações. Nesse sentido Platão, pela boca de Sócrates, partindo da intuição inicial de Teeteto de que “percepção/sensação é conhecimento”, relaciona conceitos como ‘percepção/sensação’ (αἴσθησις), ‘imaginação’ (φαντασία) e ‘memória’ (μνήμη). A fim de ilustrar tal mecanismo psicológico mnêmico é utilizada a metáfora das “impressões no bloco/folha de cera”:

Sócrates: Agora quero que suponhas – a favor da argumentação – que há um *bloco de cera* [κῆρινονέκμαγῆϊον] em nossas almas, num caso maior, em outro menor; num caso, cera mais pura, em outro, cera mais impura e mais dura; em outros casos, mais mole; e, em alguns casos, da qualidade adequada.

Teeteto: Eu o estou supondo.

Sócrates: Digamos, então, que isso é uma dádiva de Mnemosine, a mãe das Musas, e *que toda vez que desejamos nos lembrar* [ἄν βουλευθῶμεν μνημονεῦσαι] de qualquer coisa que vemos, ouvimos ou concebemos em nossas próprias inteligências colocamos essa cera *sob* [ὑπέχοντας] as *percepções* [αἰσθήσεις] e *pensamentos* [ἐννοίαις] e os *imprimimos* [ἀποτυποῦσθαι] nela, *tal como produzimos impressões de anéis de sinete* [ὥσπερ δακτυλιῷ σημεῖα ἐνσημαινομένων]; e seja o que for *impresso* [ἐκμαγῆι], nós o lembramos e o conhecemos *enquanto durar* [ἕως ἂν ἐνῇ] sua *imagem* [εἰδωλον], ao passo que tudo o que for apagado ou que não for possível imprimir esquecemos e não conhecemos. (*Teet.*, 191d, grifos nossos)

Aqui se fazem necessárias algumas observações que talvez sejam frutíferas: primeiramente, Platão, ao utilizar a construção “...toda vez que desejamos nos lembrar...” (ἄν βουλευθῶμεν μνημονεῦσαι), empregando o verbo βούλομαι (“desejar, querer”) no modo subjuntivo (o qual é prospectivo), precedido da conjunção ἔάν (“se por acaso”), parece ressaltar a necessidade de **um movimento volitivo ou desejo para cada ato de memorização**; em segundo lugar, não obstante a volição para o seu desencadeamento, o processo envolve adotar no nível anímico/psíquico uma **atitude receptiva/passiva** pois há que se colocar a “cera” **sob** (ὑπέχοντας) as percepções/sensações e pensamentos que desejemos lembrar; em terceiro lugar, são estes “elementos” (percepções e pensamentos) que desempenham uma função **ativa**, análoga aos “anéis de sinete”, **imprimindo** (ἀποτυποῦσθαι) uma “imagem” (εἰδωλον), termo cuja tradução mais apropriada seria um “simulacro” ou “imagem refletida, insubstancial” ou “fantasma”, ou ainda, em termos contemporâneos um **“negativo”** que corresponde (de modo reverso, portanto) ao que for “plasmado” (outra tradução possível para ἐκμαγῆι); por último, Platão resalta o caráter efêmero do εἰδωλον produzido de duas maneiras: tanto na escolha da “cera”, substância

instável em suas formas, como **superfície de impressão**, quanto no uso da expressão “enquanto durar” (ἕως ἄν ἐνῇ).

Já o mecanismo de recuperação das lembranças “impressas/plasmadas” é descrito quando Sócrates conjectura a respeito do processo que conduz “às falsas opiniões” (τὰ ψευδῇ δοξάσαι):

Sócrates: Assim, a possibilidade de formar a falsa opinião situa-se no seguinte caso: conhecendo a ti e Teodoro, e tendo nesse bloco de cera **a impressão** [τά σημεία] de ambos, como se fôsseis anéis de sinete, mas vos vendo a uma certa distância e de maneira indistinta, apresso-me em destinar a correta impressão de cada um de vós à percepção visual correta e **executar o seu ajuste** [ἐμβιβάσας προσαρμόσαι], como se fosse, por assim dizer, **sua própria pegada** [τὸ ἐαυτῆς ἵχνος], visando a produzir o **reconhecimento** [ἀναγνώρισις][...] (Teet., 193c, grifos nossos)

Desse modo é por um perfeito “ajuste” (προσαρμόσαι), ou para reforçar a metáfora platônica, um *encaixe* ou *concordância* entre a(s) percepção(ões)/sensação(ões) subsequente(s) e aquela “primeira” **impressão (τὰ ἀποτυπώματα)** – como um “negativo/retrato/fantasma” ou uma “contraparte”³ (ἐξἄδωλον), “o traço/sinal” (τά σημεία) ou “a pegada” (τὸ ἵχνος) deixados pelo **objeto** – que um **juízo prévio/re-conhecimento** (p.ex. do tipo: “Aí vem Teodoro.”), se mostrará **verdadeiro**:

É, contudo, precisamente em relação a coisas que conhecemos e percebemos que a opinião desvia e varia entre a falsidade e a verdade – sendo verdadeira quando faz *encaixar direta e exatamente impressões e sinetes corretos entre si* [τὰ οἰκεῖα συνάγουσα ἀποτυπώματα], e falsa quando aplica-os de maneira atravessada e oblíqua. (Teet., 194b, grifos nossos)

Completando o recorte proposto que busca caracterizar a importância e evolução do conceito de ‘memória’ na filosofia antiga, resta examinar alguns pontos de vistas expostos por Aristóteles em *Acerca da memória e da recordação* (ΠΕΡΙ ΜΝΗΜΗΣ ΚΑΙ ΑΝΑΜΝΕΣΕΩΣ), um dos textos que compõe o conjunto classificado no Medievo como *Parva Naturalia* (i.e.: “Natureza menor/inferior”). Logo de início, o Filósofo, frisando que há erros frequentes neste ponto, postula como único objeto possível da memória o passado: “É impossível lembrar o futuro, que é um objeto de conjectura ou expectativa [...] nem há memória do presente mas apenas percepção [...] Mas memória é do passado; ninguém pode alegar lembrar do presente enquanto

³Também pode ser uma tradução “auspiciosa” para os objetivos deste trabalho, uma vez que, em língua portuguesa o termo ‘contraparte’ está dicionarizado como: “Voz ou instrumento secundário em contraponto a outro”. (BECHARA, 2009, p.231)

ele é presente.” (449b, tradução nossa⁴). Percebe-se aqui, no escopo apresentado, o esforço aristotélico de afastar a temporalidade mítica (cíclica e/ou concomitante) de Hesíodo, claramente restringindo seu estudo da memória como “**faculdade psíquica**” assim por ele definida: “Memória, então, não é nem sensação, nem *juízo*[ou *suposição*: ὑπόληψις], mas um *estado de afecção* [πάθος] de um deles, quando o tempo transcorreu. [...] Toda memória, então, implica um **lapso** de tempo.”(449b, grifos nossos).

Note-se o fato de que a memória, na visão aristotélica, é um πάθος, ou seja, uma “paixão, sofrimento, afeto”, algo que o sujeito sofre ao ser “afetado” por sensações e pensamentos. Isto já pode ser inferido a partir da metáfora platônica do “bloco de cera” sendo impresso, passivamente, pelos “anéis de sinete”. De fato, no prosseguimento do seu tratado, em 450a, Aristóteles evoca exatamente a mesmametáfora: “pois o estímulo produziu impresso um tipo de símile do percebido, assim como quando os homens selam com anéis de sinete.” (ἡ γὰρ γινομένη κίνησις ἐνσημαίνεται οἷον τύπον τινά τοῦ αἰσθήματος, καθάπερ οἱ σφραγιζόμενοι τοῖς δακτυλίοις). Contudo observa-se, analisando o texto em grego, uma mudança sutil de **qualificação** da imagem produzida que se reflete nos termos empregados: passando do, de certo modo, “pejorativo” εἰδωλον (“simulacro” ou “fantasma”) platônico para o “indiferente” οἷον τύπον (“símile”) aristotélico.

A questão da necessidade de um tipo de “imagem” como suporte das memórias permanece presente: “Mas memória, mesmo dos objetos do pensamento, *implica uma imagem mental* [φαντάσματος ἐστίν].” (450a, grifos nossos). Aristóteles associa aqui, de modo mais categórico que Platão, as faculdades da ‘imaginação’ (ἡ φαντασία) e da ‘memória’ (ἡ μνήμη).

A contribuição principal de Aristóteles, entretanto, pelo menos a que parece ser mais importante no escopo desse estudo, é a diferenciação entre os conceitos de “memória/lembrança” (μνημής) e “recordação/reminiscência” (ἀναμνησίς), sobretudo ao dar a este último um sentido novo, divergente da posição epistemológica de Platão, que identifica reminiscência com conhecimento e é assim resumida por Gobry (2007,p.18):

⁴A partir da tradução para a língua inglesa feita por G.R.T. Ross, Cambridge (1906) que consta na edição bilíngue (1957) grego – inglês: *Aristotle -Vol. VIII (Loeb Classical Library)*, conforme as referências bibliográficas. As traduções seguintes da mesma obra também serão nossas.

Num famoso trecho do *Mênon* (82a – 86c), Sócrates, interrogando habilmente um jovem escravo ignorante, consegue fazê-lo chegar ao princípio pitagórico da duplicação do quadrado. Conclui daí que ‘a verdade existe desde sempre em nossa alma’(86b). Finalmente, ‘o saber é reminiscência’(81d).”

Já Aristóteles afirma que:

Pois *areminiscência* [ῆ ἀνάμνησις] não é recuperação, nem aquisição de *memória* [μνήμη]; uma vez que quando alguém primeiro *aprende* [μάθη] ou *sofre* [ῆ πάθη], este não recupera nenhuma memória (pois nada havia surgido antes), *nem havia adquirido isso originariamente* [οὐτ’ ἐξ ἀρχῆς] ; é apenas no momento em que o estado ou afeto fez surgir isso que há memória; então **a memória não surge ao mesmo tempo que o afeto original**⁵. (451a, grifos nossos)

Mas por que o Estagirita discordaria de modo tão veemente do seu mestre? Porque caracteriza a **recordação**⁶ como uma associação, de certa forma “livre”, dos impulsos: “Atos de recordação ocorrem quando um *impulso* [κίνησις] acompanha outro sucedendo-o [...] Este é o modo pelo qual os homens tentam recordar, e modo pelo qual eles se recordam, **mesmo se não tentarem**, isto é, quando **um impulso segue o outro**.” (451b, grifo nossos), ou seja, a **ordem** e mesmo os elementos de uma **cadeia associativa** – a qual, se observe bem, pode ocorrer **involuntariamente** – são **contingentes** para o Filósofo (p.ex. o impulso/estímulo do vermelho pode me recordar tanto uma maçã quanto o sangue; e a maçã recordar a fome ou a doçura; o sangue recordar o coração ou o combate, e assim por diante...), e não **necessários** como para Platão, podem, portanto, conduzir ou não ‘à Verdade’, entendida em um contexto **substancialista**. Aristóteles não nega, contudo a estreita ligação psicológica entre os conceitos: “Já o processo de recordação implica memória, e é seguido pela memória.”(451b). Entretanto, muito embora para ele tal processo não revele, *necessariamente*, “verdades epistêmicas”,

⁵Embora isto talvez se afaste dos objetivos deste trabalho, cabe ressaltar que este trecho já se mostra “fértil” para o diálogo com os conceitos psicanalíticos de ‘afeto’ e ‘representação’. Observe-se que Aristóteles aponta para uma “primazia temporal” do afeto sobre a representação, pois aqui o termo ‘memória’ refere-se, justamente, a um tipo imagem possível de “conservação” que se deriva do afeto original por um lapso de tempo.

⁶Em virtude dos objetivos do trabalho esta será a tradução adotada para *anamnēsis*. Há que se considerar, além dessa, a tradução deste termo feita por G. R. T. Ross, Cambridge (1906) para o inglês, na versão que foi utilizada como base para essas interpretações: “**recollection**”, traduzido comumente como “lembrança”, mas que pode ser etimologicamente lido como uma “nova reunião de coisas”. Nenhuma dessas, entretanto, consegue captar as diversas significações possíveis do prefixo grego ἀνα- que evoca algo trazido à ‘**superfície**’, termo este que será objeto de discussão nos capítulos 3 e 4 deste estudo.

é por meio **destas contingências singulares** em cada recordação que as memórias são **qualificadas e organizadas**:

Mas acontece que alguns impulsos se tornam habituais para nós mais prontamente de uma única experiência do que outros de muitas; e então nos lembramos de algumas coisas que vimos uma vez melhor do que outras que vimos muitas vezes. Quando recordamos, então, nós re-experenciemos um dos nossos primeiros impulsos, até que pelo menos nós experienciemos um que costumeiramente precede aquele que nós buscávamos. (451b)

Este breve recorte de textos clássicos não deve se encerrar antes de expor as ideias do autor central do estudo em tela, **Henri Bergson(1859-1941)**, que – nos dois anos que antecederam (1894-1895) à primeira publicação de uma de suas obras capitais *Matéria e Memória (Matière et Mémoire)*(1896) – ministrou um curso no Liceu Henri-IV, em Paris, intitulado: *A Filosofia Grega*. Nele, Bergson explica, magistralmente, a ligação do conceito platônico de reminiscência e a Teoria das Ideias:

O papel do filósofo é o de desentranhar, na sensação, a Idéia e de se elevar, progressivamente de início, depois de um único salto, até às Idéias as mais puras. **Ele é incitado a fazê-lo pela reminiscência, de um lado, pelo amor do outro.** Aos sofistas que sustentavam que não podemos aprender, uma vez que já sabemos o que aprendemos não o aprendemos e se não o sabemos, não o poderíamos procurar e por conseguinte aprendê-lo, Platão responde que há algo intermediário entre a ciência e a ignorância. É a reminiscência, ἀνάμνησις. Pode-se, sem saber o que é uma coisa, saber que ela é e ser assim instigado a aprofundar sua natureza. Sem a reminiscência, não haveria ciência. (BERGSON, 2005, p.111, grifos nossos)

Classificado pelo filósofo como um dos “diálogos de discussão lógica ou dialética” (BERGSON, 2005, p.105), junto com o *Sofista* e o *Parmênides*, o *Teeteto* é citado durante a exposição da primeira prova da imortalidade da alma:

A sabedoria já é uma separação com relação à matéria. A vida do filósofo, portanto, é uma morte antecipada e, assim sendo, o que poderia a morte física sobre uma alma que já se soltou da matéria? “Livres por esse meio (a ciência), e libertos da loucura do corpo, conheceremos por nós mesmos a essência pura das coisas. [...] Ora, purificar a alma, não seria separá-la do corpo, acostamá-la a fechar-se e a recolher-se em si mesma? E essa libertação, essa separação da alma e do corpo, não seria aquilo que chamamos de morte?” Desse trecho do *Fédon*, podemos aproximar um trecho do *Teeteto*: “Devemos procurar fugir o mais rápido possível dessa morada para outra. Ora, essa fuga é a semelhança com Deus”. (BERGSON, 2005, p.115)

Considerando, agora *Matéria e Memória*, já é possível identificar algumas aproximações conceituais de Bergson com certas “conclusões” platônicas no diálogo aqui estudado. Por exemplo, no diálogo, Sócrates refuta a intuição inicial de Teeteto de que “perceber é conhecer”, que Bergson explicitamente, contesta: “Mas para uns e outros, perceber significa antes de tudo conhecer. Ora, esse é o postulado que

contestamos.”(BERGSON, 2010,p.24); também quando Platão, por meio da metáfora do mecanismo do bloco de cera, claramente diferencia a ‘percepção/sensação’ da ‘memória/lembrança’: “O erro capital, o erro que, remontando da psicologia à metafísica, acaba por nos ocultar o conhecimento do corpo assim como o do espírito, é o que consiste em ver apenas uma diferença de intensidade, e não de natureza entre a percepção pura e a lembrança.”(BERGSON, 2010, p.70); e ainda o necessário e constante “ajuste” entre as duas faculdades, mas que Bergson, agora mostrando seu **afastamento do platonismo**, leva para um nível mais complexo de interação: “Estes dois atos, percepção e lembranças, penetram-se portanto sempre, trocam sempre algo de suas substâncias mediante um fenômeno de **endosmose**⁷.”(BERGSON, 2010, p.70, grifo nosso).Todavia, não há que se avançar até esse ponto na leitura de *Matéria e Memória* para tais constatações, pois tanto a proximidade quanto o afastamento entre Bergson e Platão se mostram logo nos dois primeiros parágrafos do prefácio:

Este livro afirma a realidade do espírito, a realidade da matéria, e procura determinar a relação entre eles sobre um exemplo preciso, o da memória. Portanto é claramente dualista. [...]. O objeto de nosso primeiro capítulo é mostrar que idealismo e realismo são duas teses igualmente excessivas, que é falso reduzir a matéria à representação que temos dela, falso também fazer da matéria algo que produziria em nós representações mas que seria de uma natureza diferente delas. A matéria, para nós, é um conjunto de “imagens”. E por “imagem” entendemos uma certa existência que é mais do que aquilo que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama uma coisa – uma existência situada a meio caminho entre a “coisa” e a “representação” (BERGSON, 2010, p.1-2).

É a partir desse conceito de ‘imagem’ que Bergson propõe sua **solução original** para as dificuldades teóricas do “dualismo”, intermediária entre “realismo” e “idealismo” nas acepções por ele empregadas e, embora pareça à primeira vista um estudo psicológico, o “problema de fundo” de *Matéria e Memória* é **ontológico**, pois se trata de propor uma **outrasolução** “conciliatória” (diferente da platônica), que remete à querela pré-socrática entre jônicos (Heráclito) e eleáticos (Parmênides) acerca do ser como “devir” (em incessante mudança) ou do ser “imóvel”, respectivamente. Ao introduzir, no curso em tela, o escopo da metafísica de Aristóteles, Bergson esclarece:

Até Platão, os filósofos que haviam tratado da natureza do ser, os φυσιολόγοι, haviam se esforçado por dar conta de todas as coisas por meio de um único princípio, e esse princípio era de mesma natureza que as coisas. Quando distinguiam vários elementos, reduziam esses elementos

⁷Termo da biologia que indica uma: “**dupla corrente** que se estabelece entre dois líquidos ou gases de **diferentes densidades** e suscetíveis de se misturarem através de uma **membrana** orgânica ou de placas porosas.” (*iDicionário Aulete – verbete : endosmose*, grifos nossos)

diferentes a uma mesma origem ou encontravam neles uma comunidade de natureza. Platão teve a idéia de explicar o ser por princípios múltiplos e princípios de uma natureza inteiramente outra que a dos objetos sensíveis. [...] Assim, a filosofia platônica é um esforço por resolver as coisas sensíveis em Idéias múltiplas e por reduzir, depois, a multiplicidade das Idéias à unidade do Bem. (BERGSON, 2005, p.118)

A cisão entre “mundos” (sensível – inteligível) que está no cerne do platonismo engendrará o **representacionismo e mecanicismo**, que atingem o auge na Modernidade, com Descartes, paradigmas epistemológicos/ontológicos que trazem atreladas sérias consequências éticas, como se quer demonstrar no segundo capítulo deste trabalho.

Ainda considerando o curso de Bergson, o termo referente à memória é citado no prosseguimento de sua análise sobre a epistemologia de Aristóteles, ao longo da qual o filósofo denuncia maior afinidade de suas concepções filosóficas com as do Estagirita:

[...] Assim, ao fazer a Idéia platônica descer nas coisas, Aristóteles explica *melhor do que Platão* tanto o devir quanto as características da ciência. [...] A ciência principia pela sensação, αἴσθησις, de onde passa para a imagem, φαντασία, e também para a memória, μνήμη. *A memória engendra a experiência*, ἐμπειρία. A experiência anuncia e imita a ciência, o superior estando sempre indicado no inferior. Ora, as generalidades inteligíveis estão contidas nas coisas sensíveis como a forma está contida na matéria. Concebe-se, então, que da experiência surja a ciência. (BERGSON, 2005, p.127, grifos nossos)

Cabe ressaltar, por fim e a partir da afinidade bergsoniana por Aristóteles, a importância da distinção entre μνήμη e ἀνάμνησις, para este estudo. esta não apenas é afirmada categoricamente no início de *Acerca da memória e da recordação*, como também o Filósofo conclui seu tratado com a constatação de que a recordação (ἀνάμνησις) é uma faculdade **exclusivamente humana**:

Recordar-se [ἀνάμνησκεισθαι] difere de *lembrar* [μνημονεύειν] não meramente com relação ao tempo, mas também porque, enquanto muitos outros animais partilham da memória, pode-se dizer que *nenhum* [οὐδέν] *dos animais conhecidos* [τῶν γνωριζομένων ζώων] pode recordar à exceção *do homem* [πλὴν ἄνθρωπος]. (453a, grifos nossos)

Essa consideração se fez necessária aqui pois tal distinção: entre “memória” como uma **capacidade** de conservação de “imagens” e “re-cordação” como o **ato** de associá-las em cadeia (sobretudo por meio da **linguagem** e, por isso, **propriamente** humana), será fundamental quando for ensaiado um “diálogo” entre Bergson e Freud, no terceiro capítulo.

II

UM ANEL E MUITAS CERAS: “A FICÇÃO DO OBJETO MATERIAL ISOLADO”

O olho vê somente o que a mente está preparada para compreender.
(Bergson)

A metáfora platônica aludida no *Teeteto* – que pretende ilustrar o processo de aquisição e recuperação das memórias – reflete o pressuposto ontológico da cisão entre os “mundos” sensível (de entes concretos e perceptíveis) e inteligível (das Ideias, princípios “puros”) no nível epistemológico, desta forma, já em Platão há o “vislumbre” de **sujeitos** que conhecem um **objeto** por meio de suas **representações**, ou seja, imagens psíquicas mais ou menos imperfeitas (em clareza e/ou contraste), armazenadas de acordo com a “capacidade” mnêmica de cada um, esta, por sua vez remetida a algum lugar (depósito) no corpo, isto porque o que Sócrates afirma em 191d sobre o “bloco de cera”: “[...] num caso, cera mais pura, em outro, cera mais impura e mais dura; em outros casos mais mole [...]” é assim “justificado” adiante, por ele mesmo:

Sócrates: Dizem que a causa dessas variações é a seguinte: toda vez que a cera na alma de um indivíduo é profunda, copiosa, lisa e na consistência apropriada, as imagens que correm através das percepções são impressas sobre esse peito⁸ da alma – como Homero o chama aludindo a sua semelhança com a cera. Quando isso é o que ocorre e em tais indivíduos, as impressões, claras e suficientemente profundas, revelam-se também duradouras. Indivíduos desse tipo, em primeiro lugar, aprendem facilmente, em segundo lugar, apresentam boa retenção de memória, ao que se deve acrescentar que não intercambiam as impressões de suas percepções e são capazes de opinar verdadeiramente. Como as impressões são distintas e dispõe de muito espaço, esses indivíduos as destinam rapidamente aos seus vários moldes, que são chamados de *coisas que são*, enquanto esses indivíduos são chamados de sábios. Ou não concordas? (*Teet.*, 194d, grifo do autor)

É interessante que sejam observados, neste trecho, três pontos: o primeiro é conceito de **espacialização** de memórias isoladas que são progressivamente armazenadas, classificadas e podem ser recuperadas, o qual ainda faz parte do “jargão” neurobiológico, ainda que venha, ultimamente, sofrendo fortes críticas; o segundo é a relação direta entre capacidade mnêmica e “sabedoria”, exaltada em Hesíodo (como já explorado no primeiro capítulo) e também em Homero; e o terceiro é a inversão da “garantia”, ou fundamentação que Platão opera, neste nível epistemológico de aquisição e recuperação das memórias,

⁸Aqui, Bini (2007, p.127) ressalta, em nota, que: “Platão joga com a semelhança das palavras *κεαρ* (*kear*) coração, peito e *κηρος* (*keros*), cera.”

pois, a “verdade” está do lado do objeto – não por acaso um “anel de sinete”, símbolo de autoridade – e a cópia/impressão do lado da representação “psíquica” como εἶδωλον, um fantasma da subjetividade fluida, cuja “certeza” vem a ser confirmada ou não pelo ajuste/encaixe tão perfeito quanto possível com realidade objetiva das “coisas que são”, os entes (τὰ ὄντ’), os quais, por sua vez, são também apenas sombras mutáveis de Ideias eternas.

Segundo a epistemologia “especializada” de Platão, portanto, o nível mnêmico, sendo apenas esta “sombra da sombra” é intermediário, como ressalta Bergson:

Essa doutrina da reminiscência, Platão a afirma *a priori*, com base na necessidade de admitir um meio entre saber e ignorar, mas fornece-lhe uma demonstração no Mênon, onde Sócrates, interrogando uma criança, faz com que esta reencontre por reminiscência as verdades da geometria que declarava ignorar. [...] Entre a sensação, que se move entre as coisas, e a pura inteligência, que contempla as Ideias independentemente de toda realidade sensível, há a faculdade de raciocínio, a inteligência discursiva, a διάνοια. A διάνοια exerce-se sobre as coisas matemáticas, τὰ μαθηματικά, e prepara o espírito para conhecimento das Idéias. As *figuras matemáticas*, com efeito, aparentam-se à Idéia por sua generalidade, mas não são livres de toda materialidade sensível. A geometria assim nos prepara para a sabedoria. *Que ninguém entre aqui se não for geômetra.*

A dialética propriamente dita é definida por Platão como a arte de fazer, de um, vários e, de vários, um. *É um procedimento de divisão e de recomposição.* (BERGSON, 2005, p. 112-113, grifos nossos)

Neste trecho do curso, pode-se entrever a “paternidade” da abstração espacial platônica, germe do paradigma representacionista – plasmada na advertência que constava nos pórticos da Academia: “Que ninguém entre aqui se não for geômetra.” (Ἀγεωμέτρητος μηδεὶς εἰσὶτω) – em Pitágoras, pois os pitagóricos ao definirem o número como *arché* da realidade, estabelecem uma primazia ontológica e epistemológica **da quantidade sobre a qualidade**, da medida sobre o afeto, que se prolonga até os dias atuais. Há que se lembrar que tanto Pitágoras, quanto Hesíodo e Homero estão entre os inimigos declarados de Heráclito, segundo Diógenes Laércio, na tradução de Kury (2008, p.251): “ ‘A erudição não ensina ninguém a ser inteligente, pois, se ocorresse o contrário, teria ensinado a Hesíodos e a Pitágoras, e também a Xenofanes e Hecataios.’ [...] Costumava dizer que Homero merecia ser banido dos concursos poéticos e surrado com varas, e Arquíloco também.”

Se o “método” de abstrair, representar, medir, calcular, “raciocinar” enfim constituiu em um imenso salto⁹ no pensamento, que permitiu os celebrados avanços da ciência, em contrapartida, o representacionismo dele resultante fomentou um modelo assimilativo, dominador e predatório que parece estar próximo do seu limite, tanto considerando o esgotamento de recursos naturais, quanto as incertezas e aporias de ciências como a Física, subvertida pelos desdobramentos quânticos, e a Psicologia que padecendo da “maldição” heraclitiana, ainda não encontrou os “limites da alma”.

O *élan* da filosofia bergsoniana parece ser, justamente, tentar esclarecer os dualismos corpo-mente, espaço-tempo, ser-devir, em outros termos que conciliem ao invés de apartar as realidades que se apresentam ao entendimento humano, este impulso se mostra durante seu curso sobre *A Filosofia Grega* na sua exposição do “erro de Platão” que consiste em: “[...] estabelecer entre o mundo sensível e o inteligível *uma distinção de substância, ao passo que só há uma diferença de ponto de vista*, como se diria hoje.”(BERGSON, 2005, p. 121, grifo nosso). A “solução” bergsoniana, que passa por uma “des-espacialização” do tempo, organiza-se, ao longo de suas obras, em torno do conceito de “**duração**”¹⁰(*durée*), como observa Worms, em sua densa análise:

De fato, se há uma intuição de Bergson, é precisamente esta: *a confusão do espaço com o tempo mascara-nos a realidade da nossa vida interior em nome de necessidades de nossa vida prática*. [...] Ela consiste sobretudo em *mascarar* por isso mesmo outra coisa, a saber: o *ato* que assegura a conservação *real* desses momentos do tempo, de maneira interna à sua sucessão mesma e sem abandonar nem a trair, este ato que faz de toda sucessão uma continuidade, uma vida, não apenas a sucessão de qualquer coisa, mas a *duração* de alguém.

Compreende-se, pois, de uma vez a força da noção (ou da imagem-noção) de “*duração*”: aqui ela já não designa apenas a extensão de tempo, como a *duratio* dos clássicos, mas o *ato* da continuação, o ato de se manter em e através do tempo, desta duração, esse endurecimento, essa solidez, que se *entende* na “duração” mesma (para além de sua “fluidez”) e que conjura o desaparecimento não pelos encantamentos eternitários da representação espacial, mas pelo desafio real da conservação, da passagem (como ato de passar, bem longe da passividade), ou da criação. (WORMS, 2011, p.14-15, grifos do autor)

⁹Abster-me-ei de qualificá-lo como “para frente” ou “para trás” a fim de tentar, ainda que em vão, escapar às espacializações do discurso.

¹⁰A *durée* é um conceito central e que perpassa toda a filosofia bergsoniana. Embora não seja objeto direto e particular deste trabalho, sua influência se faz presente em todos os capítulos em referências indiretas e conceitos correlatos.

Pode-se inferir que, para Bergson, segundo a interpretação de Worms a confusão espaço-temporal não é um modelo epistemológico “inofensivo” mas acarreta sérias consequências éticas: “ [...] uma vida, não apenas a sucessão de qualquer coisas, mas a *duração* de alguém.” (WORMS, 2011, p.14). Certamente que, em Platão há também um problema ético de fundo, uma vez que a “ascese” do conhecimento/ciência deveria conduzir, por fim à “Ideia do Bem” (τὸ ἀγαθόν), a mais elevada e a que unifica em si toda a multiplicidade das outras Ideias. Entretanto, uma análise sócio-histórica superficial já mostrará as consequências éticas destrutivas do representacionismo em suas muitas derivações como a visão mecanicista, analítica, linear, extrativista, utilitária, consumista, etc., que acabaram, ao fim e ao cabo, apartando o homem de si mesmo, em processos como a reificação e a alienação. Como observa, ao prefaciar a obra *A Árvore do Conhecimento* (2010), Mariotti:

Tal modo de pensar se chama *representacionismo* e constitui o marco epistemológico prevalente na atualidade em nossa cultura. [...] O mundo conteria informações e nossa tarefa seria extrai-las dele por meio da cognição. [...] Essa convicção constitui a base da *mentalidade extrativista* – e com muita frequência predatória dominante entre nós. A ideia de extrair recursos de um *mundo-coisa*, *descartando em massa os subprodutos do processo*, *entendeu-se às pessoas, que assim passaram a ser utilizadas e, quando se revelam “inúteis”, são também descartadas*. [...] O representacionismo é um dos fundamentos da cultura patriarcal sob a qual vive hoje boa parte do mundo, inclusive as Américas. (MARIOTTI, 2010, p.8-9, grifos nossos)

Neste trabalho, que tem em seus objetivos ser um “manifesto” contra o representacionismo, escolheu-se, não o viés da crítica sócio-histórica, mas a peculiar abordagem da **biologia da cognição**, que Maturana&Varela (2010), desenvolvem na obra supracitada, porque nela os autores utilizam de toda produção científica desenvolvida até o final do século XX, sobretudo da biologia evolutiva e das neurociências, justamente para desconstruir muitos paradigmas científicos, em uma interessante “tática” de : “fogo contra fogo”. Como Platão e a maioria dos epistemólogos, o ponto de partida dos autores é a percepção e seus “enganos” em embaraçosos experimentos ópticos, para tentar demonstrar:

[...] como nossa experiência está indissolivelmente atrelada à nossa estrutura. Não vemos o “espaço” do mundo, vemos nosso campo visual; **não vemos as cores do mundo, vivemos nosso espaço cromático**. Sem dúvida nenhuma – e como de alguma forma descobriremos ao longo destas páginas – estamos num mundo. No entanto, quanto examinamos mais de perto como chegamos a conhecer esse mundo, descobriremos sempre que **não podemos separar nossa história das ações** – biológicas e sociais – a partir das quais ele aparece para nós. (MATURANA&VARELA,2010, p.28, grifos nossos)

Assim, Maturana&Varela (2010, p.32) “antecipam”já no primeiro capítulo de sua obra, a conclusão de que: “**todo ato de conhecer faz surgir um mundo**” e, portanto “**todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer.**” (grifos dos autores), a qual será, ao longo dos demais capítulos, fundamentada em evidências biológicas. Isto lhes permite definir: “o conhecer como **ação efetiva**, ação que permita a um ser vivo continuar sua existência em um determinado meio ao fazer surgir o seu mundo. Nem mais, nem menos.” (MATURANA&VARELA, 2010,p.36, grifos dos autores)

Há no desenvolvimento dessa teoria científica, dois conceitos fundamentais para o escopo desse trabalho, quais sejam: **autopoiese** e **acoplamento estrutural**¹¹. Suas pesquisas em biologia evolutiva conduzem a conclusão que a característica fundamente de um “ser vivo” é a sua “organização autopoietica”, pois a autopoiese, ou seja, **a capacidade produzir a si mesmo continuamente**, é o mecanismo que lhes permite se sustentarem no mundo como unidades uni ou multicelulares “autônomas”, evidência encontrada “olhando-se para tudo que sabemos sobre metabolismo e estrutura celular em sua interdependência.” (MATURANA&VARELA, 2010, p.56). A conclusão “ontológica” que se segue é de uma identidade, nos organismos vivos, entre “ser” e “fazer”:

É claro que o fato de que os seres vivos têm uma organização não é exclusivo deles, mas sim comum a todas as coisas que podem ser investigadas como sistemas. Entretanto, o que lhes é peculiar é que sua organização é tal que **seu único produto são eles mesmos. Donde se conclui que não há separação entre produtor e produto. O ser e o fazer de uma unidade autopoietica são inseparáveis**, e isso constitui seu modo específico de organização. (MATURANA&VARELA, 2010, p.56-57, grifos nossos)

Contudo, a autonomia das organizações autopoieticas é relativa por estarem em meios muitas vezes hostis e em constante mudança, os seres vivos estão **no mundo e com ele** devem estar em processo de **contínua interação e adaptação**, o que é teorizado por Darwin nos conceitos de “deriva” e seleção natural. Desta forma:

Enquanto uma unidade não entrar em interação destrutiva com o seu meio, nós, observadores, necessariamente veremos que entre a estrutura do meio

¹¹Para evitar confusões, faz-se necessário precisar em que acepção os autores utilizam dois termos: “Entende-se por **organização** as relações que devem ocorrer entre os componentes de algo, para que seja possível reconhecê-lo como membro de uma classe específica. Entende-se por **estrutura** de algo os componentes e relações que constituem concretamente uma unidade particular e configuram sua organização.” (MATURANA&VARELA, 2010, p.54, grifos dos autores)

e a da unidade há uma compatibilidade ou comensurabilidade. Enquanto existir essa comensurabilidade, meio e unidade atuarão como fontes de perturbações mútuas e desencadearão mutuamente mudanças de estado. A esse processo continuado, demos o nome de *acoplamento estrutural*. (MATURANA&VARELA, 2010, p.112, grifo dos autores)

Importante ressaltar que: “O acoplamento estrutural é sempre mútuo; organismo e meio sofrem alterações. [...] a conservação da autopoiese e a manutenção da adaptação são condições necessárias para a existência dos seres vivos.” (MATURANA&VARELA, 2010, p.115). Além disso, ele deve ocorrer em **todos os níveis e formas de vida**, pois “todos os organismos, inclusive nós mesmos, funcionam como funcionam e estão onde estão a cada instante, como resultado de seu acoplamento estrutural.” (MATURANA&VARELA, 2010, p.139). Nessa visão evolutiva, o sistema nervoso seria **mais um** instrumento de **adaptação e interação** com o mundo:

Assim, o comportamento dos seres vivos **não é uma invenção do sistema nervoso e não está exclusivamente ligado a ele**, já que o observador verá comportamentos ao observar qualquer ser vivo em seu meio. O que a presença do sistema nervoso faz é **expandir o domínio de condutas possíveis**, ao dotar o organismo de uma estrutura espantosamente **versátil e plástica**. (MATURANA&VARELA, 2010, p.154, grifos nossos)

Essa breve caracterização da biologia da cognição proposta por Maturana&Varela já permite traçar um paralelo com a solução de Bergson para a relação mente-corpo delineada em *Matéria e Memória* e que vai também de encontro ao paradigma representacionista. O ponto de partida bergsoniano, entretanto, de fundo fenomenológico, é a definição de matéria como um “conjunto de ‘imagens’” (BERGSON, 2010, p.1) e assim, graças a essa redução, o filósofo coloca-se como uma “terceira via” entre a postura “realista” e a “idealista”: “Eis-me portanto em presença de imagens, no sentido mais vago em que possa tomar essa palavra, imagens percebidas quando abro meus sentidos, despercebidas quando os fecho.” (BERGSON, 2010, p.11). Há, porém nesse conjunto uma imagem que “prevalece sobre as demais”: o **corpo**, porque é o ‘centro de **ação**’ e **não de representação**: “*Meu corpo, objeto destinado a mover objetos, é portanto um centro de ação; ele não poderia fazer nascer uma representação.*” (BERGSON, 2010, p.14, grifos do autor).

Segundo tal ponto de vista, o mundo circundante estará ordenado a partir da capacidade de ação de cada um, pois: “Os *objetos que cercam meu corpo refletem a ação possível de meu corpo.*” (BERGSON, 2010, p.16). O “objeto material

isolado", como o anel de sinete platônico, trata-se de uma "**ficção**" (BERGSON, 2010, p.20), uma vez que o filósofo questiona: "Mas é possível conceber o sistema nervoso vivendo sem organismo que o alimenta, sem a atmosfera onde o organismo respira, sem a terra banhada por essa atmosfera, sem o sol em torno do qual a terra gravita?" (BERGSON, 2010, p.19). Ou seja, o conceito biológico de acoplamento estrutural, proposto por Maturana&Varela já atingira, com Bergson, um nível máximo, **ontológico**, pois:

Há um sistema de imagens que chamo minha percepção do universo, e que se conturba de alto a baixo por leves variações de uma certa imagem privilegiada, meu corpo. Esta imagem ocupa o centro; **sobre ela regulam-se todas as outras; a cada um de seus movimentos tudo muda, como se girássemos um caleidoscópio**. Há por outro lado, as mesmas imagens, mas relacionadas cada uma a si mesma, umas certamente influenciando sobre as outras, mas de maneira que o efeito permanece sempre proporcional à causa: é o que chamo de universo. (BERGSON, 2010, p.20, grifo nosso)

Sendo uma imagem parte da imagem-corpo, o cérebro limita-se a "transmitir e a repartir movimento." (BERGSON, 2010, p.27), e não funciona como um depósito de "cópias impressas" dos objetos. A partir, portanto da **atividade contínua do corpo** que Bergson vai derivar a sua teoria da **percepção "pura"** – apenas didaticamente, e depois constantemente modificada pelas memórias – mas sempre extensa, ou seja, **refletindo-se** sobre o mundo (jamais perdendo a ligação com ele) e não extraída a partir de "objetos materiais isolados" (abstraída), como quer o paradigma representacionista.

Nesse sentido, ao tratarem da evolução do sistema nervoso em geral e do cérebro humano em particular Maturana & Varela (2010) evocam a metáfora de um **submarino** se deslocando com um piloto que nunca tenha saído dele, para se contrapor à conhecida metáfora representacionista do "homem na máquina", assim:

A dinâmica dos estados do submarino – com seu piloto que não conhece o mundo exterior – nunca acontece num funcionamento com representações de mundo vistas pelo observador externo. Não implica "praias", nem "recifes", nem "superfície", mas apenas correlações entre indicadores, dentro de certos limites. Entidades como praias, recifes ou superfícies **são válidas unicamente para um observador externo**, não para o submarino nem para o piloto, que funciona como um componente dele. (MATURANA & VARELA, 2010, p.153, grifos nossos)

Assim introduzem o conceito de **clausura operacional** como qualificador do sistema nervoso (e mesmo do organismo), ou seja, o conceito de uma "unidade definida por suas relações internas", uma vez que:

Dito de outro modo: o sistema nervoso não "capta informações" do meio, como frequentemente se diz, **ele constrói um mundo**, ao especificar quais configurações do meio são perturbações e que mudanças estas

desencadeiam no organismo. A metáfora tão em voga do cérebro como um computador não é só **ambígua** como está francamente **equivocada**. (MATURANA & VARELA, 2010, p.188, grifos nossos)

Importante observar que Bergson, mesmo tendo acesso a uma gama de evidências científicas obviamente muito menor, apresenta, em *Matéria e Memória* (1896), uma visão bastante semelhante:

Que haja solidariedade entre o estado de consciência e o cérebro, é incontestável. Mas há solidariedade também entre a roupa e o prego onde ela esta pendurada, pois, se retiramos o prego, a roupa cai. Diremos por isso que a forma do prego indica a forma da roupa ou nos permite de algum modo pressenti-la? Assim, de que o fato psicológico esteja pendurado em um estado cerebral, não se pode concluir o “paralelismo” das duas séries psicológica e fisiológica. (BERGSON, 2010, p.5)

Essas ideias poderiam até dar a falsa impressão de um tipo de “solipsismo cerebral ou nervoso”, mas se deve estar atento ao fato de que a “clausura” apontada por Maturana & Varela é tão somente **operacional**, o sistema nervoso não está, em absoluto, isolado do organismo, tampouco do ambiente, mas busca o tempo todo uma “solidariedade” como quer Bergson, ou “congruência” com o meio, o que é diferente de armazenar informações sobre ele, assim é a qualidade (sofisticação) das interações que é a fonte de plasticidade cerebral:

A riqueza plástica do sistema nervoso não se deve a que ele guarda representações ou “engramas” das coisas do mundo, mas a sua contínua **transformação**, que permanece **congruente** com as transformações do meio, como resultado de cada **interação** que o afeta. **Do ponto de vista do observador**, isso é percebido como aprendizagem adequada. Acontece, porém, que os neurônios, o organismo de que eles fazem parte e o meio em que este interage, funcionam reciprocamente como **seletores de suas mudanças** estruturais correspondentes e se **acoplam** estruturalmente entre si. (MATURANA & VARELA, 2010, p.190, grifos nossos)

III

BERGSON COM FREUD, EM CENA: AÇÕES

Não se pode liquidar um inimigo que está ausente ou não está próximo o bastante.
(Freud)

O problema da relação corpo-mente é abordado, por Bergson, no primeiro capítulo de *Matéria e Memória*, a partir de dois nítidos pontos de partida, quais sejam: o estudo da ligação entre “percepção” e “memória”(com suas agudas críticas ao representacionismo) e o papel do **corpo** na seleção das “imagens”. Contrapondo-se, em um certo sentido, ao movimento, em ebulição durante a passagem do século XIX para o XX, das então incipientes “neurofisiologia” e “psicologia experimental ou científica”, Bergson – utilizando o conceito de “**imagem**” em sentido original, como uma via intermediária entre “idealismo” e “realismo” – critica a noção de um cérebro que “armazene” memórias como percepções esmaecidas, ou seja, como se fosse mais um desdobramento da antiga epistemologia e psicologia platônica. Ao invés disso, apresenta, em seu modelo, um **corpo vivo, ativo e indiviso**, quer se considerem os “órgãos” que o integram, quer o “mundo” que o circunda e com o qual interage, e assim, nele:

O cérebro não deve portanto ser outra coisa, em nossa opinião, que não uma espécie de **central telefônica**: seu papel é “efetuar a comunicação”, ou fazê-la aguardar. Ele **não acrescenta nada àquilo que recebe**; mas como todos os órgãos perceptivos lhe enviam seus últimos prolongamentos, e todos os mecanismos motores da medula e do bulbo raquidiano têm aí seus representantes titulares, ele constitui efetivamente um centro, onde a excitação periférica põe-se em contato com este ou aquele mecanismo motor, escolhido e não mais imposto. [...] Em outras palavras, o cérebro nos parece um **instrumento de análise** com relação ao **movimentorecolhido** e um **instrumento de seleção** com relação ao **movimento executado**. Mas num caso como no outro seu papel **limita-se a transmitir e a repartir movimento**. (BERGSON, 2010, p.26-27, grifos nossos)

Desta forma, no campo de uma – desde o início das suas formulações ressaltada pelo filósofo como **hipotética** – “percepção pura”, comparece um corpo vivo como “imagem privilegiada”, uma vez que ele se configura como centro fundamental de **ações potencialmente indeterminadas**, as quais buscam equilibrar sem cessar “necessidade” e “liberdade”: ao perceber o mundo, agimos para nos adaptarmos a ele como a um conjunto de imagens, que “caleidoscopicamente”, também se modifica por nossas ações e assim demanda um novo agir, em um

processo contínuo. O campo perceptivo, designado, *grosso modo*, como “presente” carrega, portanto, a marca da **atividade**, pois:

A *atualidade* de nossa percepção consiste portanto em sua *atividade*, nos movimentos que a prolongam, e não em sua maior intensidade: o passado não é senão idéia, o presente é ídeo-motor. [...] Restabelecemos, ao contrário, o caráter verdadeiro da percepção; mostremos, na percepção pura, um sistema de ações nascentes que penetra no real por suas raízes profundas: esta percepção se distinguirá radicalmente da lembrança; a realidade das coisas já não será construída ou reconstruída, mas tocada, penetrada, vivida; e o problema pendente entre o realismo e o idealismo, em vez de perpetuar-se em discussões metafísicas, deverá ser resolvido pela intuição. (BERGSON, 2010, p.72-73, grifos do autor)

Entretanto a “percepção pura” é, para o filósofo, apenas um conceito com fins didáticos, pois o que lhe interessa é marcar uma **diferença de natureza** e não apenas de grau entre ‘percepção’ e ‘memória’, esta última comparece de modo **originário** para nós pois:

O papel teórico da consciência na percepção exterior, dizíamos nós, seria o de ligar entre si, pelo fio contínuo da memória, visões instantâneas do real. **Mas, na verdade, não há jamais instantâneo para nós. Naquilo que chamamos por esse nome existe já um trabalho de nossa memória**, e conseqüentemente de nossa consciência, que prolonga uns nos outros, de maneira a captá-los numa intuição relativamente simples, momentos tão numerosos quanto os de um tempo indefinidamente divisível. (BERGSON, 2010, p.73, grifos nossos)

Aqui Bergson já sinaliza que sua solução – a qual supera, assim, tanto a volição para se lembrar (ainda que se colocando em uma disposição afetiva) platônica, quanto a memória necessariamente “do passado” aristotélica, considerando o recorte visto até agora – aponta, pois, para um **horizonte ontológico** da memória, ultrapassando tanto o nível epistemológico, quanto o nível psicológico. Entretanto, em virtude dessa diferença de natureza, faz-se necessária, como observa Worms (2010) uma justificativa para esse caráter da memória de **fenômeno duplo ou mediador**, qual seja:

Bergson é, pois, levado a justificar, *a uma só vez*, essa continuidade e essa ruptura da memória: ele encontra a solução no *corpo*, suas exigências vitais e sua estrutura espacial. O corpo, definido pela ação, muda, com efeito, a estrutura da lembrança: de uma multiplicidade indistinta e temporal, ele faz uma percepção distinta e espacial. Lembrar-se, pois, é um duplo trabalho: saltar na profundidade do passado, mas também lhe impor a forma da percepção. O corpo e a ação explicam e exigem esse segundo aspecto. (WORMS, 2010, p.125, grifos do autor)

Sendo assim, é apoiando-se nesse **dualismo de aspecto** que o filósofo vai teorizar acerca das “duas formas da memória” (BERGSON, 2010, p.85) a partir do

capítulo 2 de sua obra, quando analisa fenomenologicamente o “estudo de uma lição”, concluindo que:

Levando até o fim essa distinção fundamental, poderíamos representar-nos duas memórias teoricamente independentes. A primeira registraria, sob a forma de **imagens-lembranças**, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam; ela não negligenciaria nenhum detalhe; atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data. **Sem segunda intenção de utilidade ou de aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural.** Por ela se tornaria possível o reconhecimento inteligente, ou melhor, intelectual, de uma percepção já experimentada; nela nos refugiaríamos todas as vezes que remontamos, para buscar aí uma certa imagem, a encosta de nossa vida passada. **Mas toda percepção prolonga-se em ação nascente;** e, à medida que as imagens, uma vez percebidas, **se fixam e se alinham** nessa memória, **os movimentos que as continuam modificam o organismo, criam no corpo disposições novas para agir.** Assim se forma uma experiência de uma ordem bem diferente e que se deposita no corpo, uma série de mecanismos inteiramente montados, **com reações cada vez mais numerosas e variadas às excitações exteriores, com réplicas prontas a um número incessantemente maior de interpelações possíveis.** [...] A bem da verdade, ela já não nos representa nosso passado, **ela o encena;** e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque **prolonga seu efeito útil** até o momento presente.

Dessas duas memórias, das quais uma *imagina* e a outra *repete*, **a segunda pode substituir a primeira e frequentemente até dar a ilusão dela.** (BERGSON, 2010, p.88-89, grifos nossos e itálico do autor)

Então, segundo o modelo psicológico bergsoniano, o movimento **contínuo** do “pensamento” humano (BERGSON, 2010, p.156) transcorre em três termos interdependentes, os quais, embora ordenados, apresentam **limites indiscerníveis**, assim o pensamento escoa, *grosso modo*: da “lembrança-pura” (que “imagina”, a memória “*par excellence*”) à “lembrança-imagem” (que “repete”, “o hábito”¹²**esclarecido** pela memória”) que se mistura, no plano da ação, à “percepção”. Bergson representa tal fluxo graficamente na figura que abre o seu terceiro capítulo, antes porém caracteriza, no capítulo anterior, a “lembrança-imagem” (que “repete”) como “[...] aquela que os psicólogos estudam em geral [...]” (BERGSON, 2010, p.91). Nos anos subsequentes ao estudo do filósofo, não só a “psicologia experimental” de Wundt, mas também outra “jovem ciência” – denominada desta forma pelo seu fundador, o médico **Sigmund Freud** (1836-1959) – iria se debruçar

¹²Cabe esclarecer, a utilização do termo ‘hábito’ por Bergson em uma acepção especial. Não se trata do ‘condicionamento’ dos psicólogos, pois: “...eles esquecem que a imensa maioria de nossas lembranças tem por objeto os acontecimentos e detalhes de nossa vida, cuja essência é ter uma data e, conseqüentemente, não se reproduzir jamais. As lembranças que se adquirem voluntariamente por repetição são raras, excepcionais. Ao contrário, o registro, pela memória, de fatos e imagens únicos em seu gênero se processa em todos os momentos da duração.” (BERGSON, 2010, p.90)[14.XII.2011]

sobre os fenômenos da memória e da repetição, segundo o percurso sintetizado por Garcia-Roza (2003):

Em seus começos vienenses, a prática terapêutica freudiana consistia em fornecer meios ao paciente para que pudesse recordar um determinado fato infantil que teria sido traumático, a fim de provocar a ab-reação do afeto a ele ligado. Era o momento da catarse, e a recordação visava preencher lacunas da memória. Essa prática era uma das muitas reatualizações modernas da teoria platônica da reminiscência, segundo a qual somos portadores de uma verdade esquecida; se bem que a rememoração (*Erinnern*) em Freud não deva ser identificada à reminiscência platônica. Enquanto esta última se refere a uma forma, um *eidos* habitante do mundo da Idéias, a rememoração freudiana permanece prisioneira desse mundo fantasmático e minúsculo que Freud nos revela em *A interpretação de sonhos*. O que pretendo ressaltar aqui é esse fato de sermos portadores de uma verdade que não se oferece docilmente à memória. Para Freud, o que o esquecimento ocultava era a verdade da doença, daí o recurso inicial à hipnose como forma de se chegar ao acontecimento traumático esquecido. [...] No entanto, por ocasião do tratamento da jovem Dora, na época que saía publicada *A interpretação dos sonhos*, Freud se defrontou com um fato novo que desempenhou um papel decisivo no futuro da teoria e da técnica psicanalíticas: a *repetição* (*Wiederholen*). Enquanto estava preocupado com a recordação dos acontecimentos passados do paciente, este desenvolvia um outro mecanismo, não tão evidente mas igualmente importante, de cujo significado Freud sequer suspeitava: ‘O paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu e recalcou, mas expressa-o pela atuação ou *atua-o* (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o* sem naturalmente, saber que o está repetindo.’ (GARCIA-ROZA, 2003, p.21-22, grifos do autor)

Ora, pode-se estabelecer um certo paralelismo conceitual entre as descrições da “lembrança-imagem” (ou “hábito esclarecido pela memória”) bergsoniana e do “*acting out*” ou “atuação” freudiano – até pelo emprego da **metáfora cênica** por ambos – embora, caso se adote um critério histórico e exegético rigoroso, Bergson seja o precursor... E, ainda que, Freud seja citado em *Matéria e Memória* uma única vez, no capítulo 2, em virtude do seu trabalho *Sobre as afasias* (*Zur Auffassung der Aphasien*, 1891) ao lado de outros “fisiologistas cerebrais”, e de maneira pouco lisonjeira: “Assim a teoria complicava-se cada vez mais, sem conseguir, no entanto abarcar a complexidade do real.” (BERGSON, 2010, p.143); é razoável que ambos compartilhassem algo de uma concepção neurofisiológica geral e comum e ainda conhecessem, cada um muitos pontos da teoria do outro. Ambos “integram” o chamado, por Worms (2009, p.129), “*moment 1900*” da filosofia, altamente influenciado pela “explosão” da produção científica e do qual a relação entre os dois é “particularmente significativa”.

As discordâncias¹³ entre Freud e Bergson, contudo, quanto ao papel da memória e da repetição advém, segundo a visão deste estudo, do conceito de ‘**ação**’ que se configura de acordo com a finalidade e os “objetos” de estudo de cada um, pois enquanto Bergson, o “metafísico”, guiava-se pela busca de um sentido da vida, a partir de uma “biologia evolutiva” em um primeiro momento, para passar, em seguida à metafísica e, portanto, considerava um funcionamento psíquico “ideal/geral” (o qual poderia ser considerado como “normal”) voltado para a adaptação do corpo vivo e ativo à realidade do mundo; Freud, o “médico”, deparou-se inicialmente com os sintomas das “desordens” psíquicas que vai estudar de acordo com o paradigma psicopatológico inicialmente, para só depois teorizar acerca do funcionamento psíquico “geral”, segundo a sua própria formulação de que: “O patológico ensina sobre o normal.”

Há de início, entre os dois um problema comum, a saber a “questão do cérebro”, assim descrito por Worms (2009, p.120), em tradução livre: “O problema é, com efeito, segundo nós, o seguinte: a saber, que ele [o cérebro] representava *uma dualidade ou separação inerente e irredutível, a nossa vida psicológica*, a qual também inclui a polaridade vital *do normal e do patológico*, da saúde e da doença.”¹⁴. Contudo, por partirem de “polaridades” tidas como contrárias em seus percursos investigativos, acabam por defender “métodos” contrários – mas não contraditórios – *grosso modo* de “síntese” e “análise”, para lidar com as dificuldades do dualismo e conduzir a uma **autonomia criativa**, pois:

Se Bergson se interessa menos na verdade, pela análise que separa as duas forças, é porque ele se atém mais à síntese, e até mesmo à criação onde elas se unem: o inconsciente torna-se dinâmico, individual, **significante na criação, no ato livre, na obra**. Aqui, a interpretação é infinita. Inversamente, se Freud está interessado, antes de tudo, pelo significado e pelo conflito no sonho e no sintoma em geral, **é também em vista da**

¹³Worms (2009) marca a “profundidade” de tais discordâncias, nesse mesmo ensaio, opondo as visões acerca do conceito de ‘inconsciente’ de Bergson e Freud e suas repercussões metapsicológicas. Apoiar-se para tal em outros textos bergsonianos como a conferência de 1901 sobre “O sonho” e uma de suas obras fundamentais, “O riso”, de 1901. Para Deleuze (1999) contudo, as visões freudiana e bergsoniana são conceitos **distintos**: “É assim que se define um inconsciente psicológico [de Freud], distinto do inconsciente ontológico [de Bergson]. Este corresponde à lembrança pura, virtual, inativa, *em si*. [...] Não há qualquer contradição entre essas duas descrições de dois inconscientes distintos. Mais ainda, o livro todo Matéria e Memória é um jogo entre os dois, com consequências que devemos ainda analisar.” (DELEUZE, 1999, p.56)[14.XII.2011]

¹⁴Ce problème, c’est en effet, selon nous, le suivant : à savoir celui que pose *une dualité ou une dissociation immanente, et irréductible, de notre vie psychologique*, qui comporte en outre la polarité vitale *du normal et du pathologique*, de la santé et de la maladie. (WORMS, 2009, p.120, grifos do autor)

unidade, da ação, da obra.¹⁵ (WORMS, 2009, p. 124, grifos nossos)

Um dos textos fundamentais acerca do método psicanalítico, *Recordar, repetir e elaborar*. (*Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II*) (*Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten. [Weitererastschläge zur Technik der Psychoanalyse II]*, 1914), além de oferecer um panorama da “nova técnica” que substitui a hipnose, pode apontar para aproximações entre conceitos freudianos e bergsonianos:

Aplicando a nova técnica restará muito pouco, com frequência nada, daquele transcurso agradavelmente suave. Também surgem casos que até certo ponto se comportam como na técnica hipnótica e somente depois divergem; outros agem diferentemente desde o princípio. Se nos detemos nesse último tipo para caracterizar a diferença, é lícito afirmar que o analisando **não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber o que faz.**

Por exemplo: o analisando não diz que se lembra de haver sido teimoso e rebelde ante a autoridade dos pais, mas se comporta de tal maneira diante do médico. [...]

Sobretudo, **ele começa a terapia com uma repetição desse gênero.** (FREUD, 2010, p.199-200, grifos nossos)

Essa repetição que deverá fundar qualquer terapia psicanalítica, tornando-se o “motor da análise” é designada por ‘transferência’. Considerando, portanto o vocabulário psicanalítico, Freud relaciona tanto a ‘transferência’ como possibilidade de tratamento quanto a ‘resistência’ como obstaculização ao progresso desse mesmo tratamento à esta ação de ‘repetir’ (*wiederholen*), diferindo-a do ‘recordar’ (*erinnern*) que se manifesta em seu modo “ideal” na hipnose, estado no qual toda resistência é suprimida:

Logo notamos que a transferência mesma é somente uma parcela da repetição, e que **a repetição é transferência do passado esquecido**, [transferência] não só para o médico, mas para todos os âmbitos da situação presente. Devemos estar preparados, portanto, para o fato de que o analisando **se entrega à compulsão de repetir, que então substitui o impulso à recordação**, não apenas na relação pessoal com o médico, mas também **em todos os demais relacionamentos e atividades contemporâneas de sua vida**, por exemplo quando, no decorrer do tratamento, escolhe um objeto amoroso, toma para si uma tarefa, começa um empreendimento. Também a participação da resistência não é difícil de reconhecer. **Quanto maior a resistência, tanto mais o recordar será substituído pelo atuar (repetir).** Pois o **recordar ideal** do que foi esquecido corresponde, na hipnose, a um estado em que a resistência foi totalmente afastada. (FREUD, 2010, p. 201, acréscimo do tradutor)

¹⁵Si Bergson s'intéresse moins en effet à l'analyse qui dissocie les deux forces, c'est parce qu'il s'attache plus à la synthèse, et même à la création où elles s'unissent: l'inconscient devient dynamique, individuel, signifiant, dans la création, dans l'acte libre, dans l'œuvre. Ici, l'interprétation est infinie. Inversement, si Freud s'intéresse avant tout au sens et au conflit dans le rêve et le symptôme en général, c'est aussi avec en vue l'unité, l'action, l'œuvre. (WORMS, 2009, p.124)

Analisando o trecho citado, percebe-se que a memória é **condição de possibilidade** tanto para o *erinnern* quanto para o *wiederholen* freudianos, que se manifestam como modos – os quais, de certa maneira, se “opõem” no processo de análise – do sujeito se relacionar com as suas ‘recordações’ (agora no sentido que este estudo pretende dar ao termo), ou no modo como as recordações se manifestam no sujeito, caso se adote uma visão mais determinista do funcionamento psíquico. A essas “partes” do “tratamento” junta-se um terceiro, designado por Freud como “**elaborar**” (*durcharbeiten*)¹⁶, que é o efeito pretendido pela “técnica de psicanálise” e momento propriamente **criativo**, mas também intimamente ligado ao tempo e à memória:

É preciso dar tempo ao paciente para que ele **se enfronte** na resistência **agora conhecida** [*nun bekannte*] para que a **elabore**, para que a **supere**, prosseguindo o trabalho apesar dela, conforme a regra fundamental da análise. [...] O médico nada tem a fazer senão **esperar e deixar as coisas seguirem um curso** que não pode ser evitado, e tampouco ser sempre acelerado. [...] Na prática a elaboração das resistências pode se tornar uma tarefa penosa para o analisando e uma prova de paciência para o médico. Mas **é a parte do trabalho que tem o maior efeito modificador** sobre o paciente, e que distingue o tratamento psicanalítico de toda influência por sugestão. Teoricamente pode-se compará-la com a “ab-reação” dos montantes de afeto retidos pela repressão, (ab-reação) sem a qual o tratamento hipnótico permanecia ineficaz. (FREUD, 2010, p.209)

A diferença entre os “métodos” **sintético** (de Bergson) e **analítico** (de Freud) transparece quando se observa, de forma mais detida os desdobramentos e “juízos” acerca do conceito de ‘repetição’. Garcia-Roza(2003) observa que, em Freud há uma distinção de tipos:

Repetição enquanto resistência e repetição enquanto produtora de cura [i.e., no caso da transferência]: como entender essa aparente contradição? O que fica claro nesses textos é que pode haver dois tipos de repetição: a repetição do “mesmo” e a repetição diferencial; enquanto a primeira se aproxima da reprodução (na medida em que é estereotipada), a segunda é **produtora de novidade** e, portanto, **fonte** de transformações. (GARCIA-ROZA, 2003, p. 23-24, grifos nossos)

¹⁶Quanto ao termo e suas traduções, Paulo César Lima de Souza observa, em nota, que: “Pode significar, de acordo com o dicionário *Duden Universalwörterbuch* (Mannheim: Dudenverlag, 1989): trabalhar ser pausa – a noite inteira, digamos; ler a fundo, estudar uma obra; fazer bem e minuciosamente um trabalho; abrir caminho trabalhoso – numa multidão, numa selva, por exemplo. Os dois últimos sentidos seriam aqueles utilizados por Freud.” (SOUZA, 2010. p.208). Note-se que, consoante à teoria bergsoniana e para a finalidade a que este estudo se propõe, o primeiro sentido também é interessante. Souza (2010) ainda ressalta que Laplanche e Pontalis (2004), no seu *Vocabulário da psicanálise*: “propõe o neologismo ‘perlaborar’ (*pérlaborer*, no original francês) ...”, que “também conotaria um reforço da ação.”

Distinção esta pautada sobretudo pelas evidências “patológicas” que se apresentaram a Freud quanto pela evolução na sua técnica de tratamento, isso lhe permitiu uma caracterização do “repetir” nos seguintes termos:

Vimos então que o analisando **repete em vez de lembrar**, repete sob as condições da resistência; agora podemos perguntar: o que repete ou atua ele de fato? A resposta será que ele repete tudo o que, **das fontes do reprimido, já se impôs em seu ser manifesto: suas inibições e atitudes inviáveis, seus traços patológicos de caráter**. Ele também repete todos os **seus sintomas** durante o tratamento. E agora podemos ver que ao destacar a compulsão de repetição não adquirimos um fato novo, **mas uma concepção mais unificada**. Para nós fica claro que a condição doente do analisando não pode cessar com o início da análise, que devemos tratar sua doença **não como assunto histórico, mas como um poder atual**. (FREUD, 2010, p.202, grifos nossos)

Mas nota-se que, Freud não desconsidera a **atualidade** das memórias no plano da ação/percepção – embora privilegie, na sua investigação clínica, os “traços patológicos” da repetição – e que busca, como já destacou Worms (2009) no trecho já citado à página 32, a “unidade/obra” como resultado do método analítico; por sua vez Bergson caracteriza a tensão entre suas duas memórias de um modo semelhante à oposição entre o “recordar” e o “repetir” freudianos, porém com foco na importância adaptativa da segunda como “...consciência que reflete justamente a exata adaptação de nosso sistema nervoso à situação presente...” (BERGSON, 2010, p.92), mas que também tem um caráter **automático e inibidor**¹⁷:

Das duas memórias que distinguimos, a segunda, que é ativa ou motora, deverá portanto inibir constantemente a primeira, ou pelo menos aceitar dela apenas o que é capaz de esclarecer e completar utilmente a situação presente: deste modo se deduzem as leis da associação de idéias. (BERGSON, 2010, p.93)

Entretanto, apesar destas muitas aproximações há uma diferença fundamental: o método analítico pressupõe, **necessariamente, um analista**, a transferência – como **repetição diferencial**, e para a qual o analista serve de “suporte” – é a “novidade” que possibilita a evolução da técnica psicanalítica e permite que o analisando **elabore (ou “perlabore”)** suas lembranças ao invés de repeti-las compulsivamente e possa talvez retornar a um estado funcional/adaptativo:

¹⁷Embora fuja ao propósito deste trabalho, é difícil não relacionar aqui a ‘repetição’ assim descrita por Bergson, vinculada, portanto à “atenção à vida” como necessidade prática, com os mecanismos do ‘recalque’ postulados por Freud.

No entanto, o principal meio de domar a compulsão de repetição do paciente e transformá-la num **motivo** para a recordação está **no manejo da transferência**. Tornamos esta compulsão inofensiva, **e até mesmo útil, ao reconhecer-lhe o seu direito, ao lhe permitir vigorar num determinado âmbito**. Nós a admitimos na transferência, **como numa arena** em que lhe é facultado se desenvolver em quase completa liberdade, e onde é obrigada a nos apresentar tudo o que, em matéria de instintos patogênicos, se ocultou na vida psíquica do analisando. (FREUD, 2010, p.206)

No escopo deste estudo, a distinção aristotélica, entre *μνημής* e *ἀναμνησίς* se oferece como base para a emergência de um conceito que possibilite um ponto de confluência “neutro”, porquanto destituído do juízo de valor acerca do normal e do patológico, entre os pensamentos de Bergson e Freud. Recorda-se que no tratado aristotélico em tela, a *ἀναμνησίς* (‘recordação’) tem as características de pressupor as memórias (imagens mentais):

Já o processo de recordação **implica** [συμβαίνει] memória e é **seguido** [ἀκολουθεῖ] por memória. Não é verdadeiro dizer, sem qualificação que recordação é a re-introdução de algo que existiu em nós anteriormente; em um sentido isto é verdadeiro, em outro não; pois é possível para o mesmo homem aprender ou descobrir a mesma coisa duas vezes. Por isso a recordação deve diferir desses atos; ela deve implicar algum princípio originativo **além**¹⁸ [πλείονος] daquele que nós aprendemos em primeira instância. (451 b, grifos nossos)

Além disso ‘recordação’ claramente é um **“ato”** – no sentido que lhe dá a metafísica aristotélica em contraposição a um potencial conjunto de memórias – que é desencadeado e composto a partir de **impulsos** [κίνησις], seguindo uma “ordem”, a qual é contingente, posto que **“produzida, feita”** [ποιήσει] e não “natural”, portanto, passível de ser re-configurada, ocorrendo ainda de modo voluntário ou involuntário, conforme o trecho já citado: “Este é o modo pelo qual os homens tentam recordar, e modo pelo qual se recordam, mesmo se **não tentarem**¹⁹ [μὴ ζητοῦντες], isto é, quando um impulso segue o outro.”(451b)

Quando ‘recordamos’, em sentido aristotélico, há um processo contínuo de produção e/ou **autoprodução**, que, a partir dos “impulsos”/estímulos sofridos (pois ainda continua participando dos afetos), se **retroalimenta**, uma vez que se tornam também memórias em seguida, e ainda **interage** com o ambiente de estimulação. Estando “em ato” no nível “psíquico”, recordar convida para o

¹⁸Outra tradução possível para o adjetivo comparativo πλείονος poderia ser: **“mais amplo”**. Assim a recordação seria, para Aristóteles, **mais do que um mero conjunto de memórias, superando-o**.

¹⁹Uma outra tradução seria : “mesmo se não procurarem”.

movimento, a ação, a **performance**. Há na recordação aristotélica, portanto, pontos de contato com os conceitos de ‘autopoiese’ e ‘acoplamento estrutural’ da biologia da cognição. Além disso, incorporando-se os conceitos de ‘imagem’(Bergson) e ‘ação/atuação’ (Bergson/Freud), chega-se ao conceito de ‘**recordação cênica**’, objeto de investigação do derradeiro capítulo deste estudo.

IV

NAS SUPERFÍCIES, RE-PERCURSSÕES

O duplo sentido da superfície, a continuidade do avesso e do direito, substituem a altura e a profundidade. Nada atrás da cortina, salvo misturas inomináveis. Nada acima do tapete, salvo o céu vazio. O sentido aparece e atua na superfície, pelo menos se soubermos convenientemente, de maneira a formar letras de poeira ou como um vapor sobre o vidro em que o dedo pode escrever.

(Gilles Deleuze)

Só quem está em estado de palavra pode enxergar as coisas sem feito.

(Manuel de Barros)

O que é uma Montanha, senão uma Superfície que se eleva da Terra ao Céu? Uma marca no espaço que testemunha e desafia o tempo? Voltando ao mito como ponto de chegada para o Ser da Memória, Hesíodo nos conta que : “Na Piéria gerou-as, da união do Pai Cronida, Memória rainha nas colinas de Eleutera, para oblívio de males e pausa de aflições.”(*Teogonia*, v. 53-55). Em muitas representações artísticas a Titã *Mnēmosýnē* é simbolizada pela própria Montanha Piéria, lugar de geração das nove Musas em nove intercursos com Zeus, sendo ela a Nona dos Doze primeiros gerados – representantes de uma realidade esquecida, ainda “informes” mas infinitamente potentes, puras ‘potências’ portanto – “paridos pela Terra do coito com o Céu”, a qual, antes e sem o concurso deste : “Pariu altas Montanhas [Γείνατοδ’Οὔρεα μακρά], belos abrigos das Deusas ninfas que moram nas montanhas frondosas.”(*Teogonia*, v. 129-130). Observa-se a repetição e o ciclo como inerentes à própria estrutura do mito, que plasma em si uma marca da oralidade, talvez, como os reflexos formais da essência da Memória, a qual pode, também remeter a essas “divindades” ainda mais arcaicas, ao ser “identificada” com a(s) Montanha(s). Mas, em contrapartida, o que a “prole”, o desdobramento da Memória em Musas indica? Para Torrano (2007), revela que:

A **linguagem** ,– que é concebida e experimentada por Hesíodo como uma força **múltipla e numinosa** que ele nomeia com o nome de Musas, – é **filha da Memória**, ou seja: deste divino Poder trazer à Presença o não presente, coisas passadas ou futuras. O ser-aparição portanto dá-se através da linguagem, ou seja: **por força da linguagem e na linguagem**. O ser-aparição é o **desempenho** (= a função) das Musas. E o **desempenho** das Musas é ser-aparição. [...] Não se trata portanto de uma relação mas de uma **imanência recíproca**: o ser está na linguagem porque a linguagem está no ser (e vice-versa). (TORRANO, 2007, p.29, grifos nossos)

Memória como condição de possibilidade para a **linguagem** portanto, potência das Musas/Palavras que a revelam **em ato**, fonte de “ser” e também de “poder” (do qual Zeus é a “expressão suprema”), exercido no sentido “político”, condição de possibilidade da “realeza” pelo conhecimento, transmissão e conservação de uma lei ainda oral:

Não são fortuitos, portanto, os epítetos escolhidos para sublinharem, nesta passagem narrativa do nascimento das Musas, a natureza de seus pais. Da mãe se diz *medéousa* (v.54) e do pai *metíeta* (v.56). *Medéousa* indica sobretudo a atividade de cuidar (de), tomar conta de, donde a acepção de *reinar, dominar*: “rainha nas colinas de Eleutera²⁰”. *Metíeta* de *mêtis* (=manha, sabedoria prática) envolve a idéia de habilidade em encontrar expedientes e saídas, traduzi-o – preservando a dignidade em que os gregos arcaicos tinham a *mêtis* – por “sábio”. [...]

Reis são nobres locais que guardavam fórmulas não-escritas (*dikai*) consagradas pela tradição como normativas da vida pública e social. Estes senhores, por seu poderio e riqueza, detinham a autoridade de dirimir litígios e querelas, mediante a aplicação das fórmulas corretas, i.e., *itheleisidikeisin* (v.86), cujo conhecimento e conservação era privilégio deles. A palavra *Dike*, que em grego veio a significar “Justiça”, é cognata do verbo latino *dico, dicere* (=dizer), e designava primitivamente estas fórmulas pré-jurídicas. Os reis, portanto, dependiam do patrocínio de Memória, para preservarem as *dikai*, do de Zeus, para poder aplicá-las em cada caso, e do das Musas, para que esta aplicação fosse eficiente e bem-sucedida, se não também para os fins anteriores. (TORRANO, 2007, p.31-35, grifos do autor)

Memória também, por isso, como possibilidade da ‘**ordem**’ seja no sentido “imperativo” (mandado/**lei**), seja no sentido de “ordenação”(configuração/**valor**). Δίκη(“Justiça”) que tem a mesma raiz etimológica do verbo δείκνυμι(“mostrar: fazer ver, produzir de dia, fazer aparecer”²¹) e seus derivados como δείξις(“ato de mostrar” que se tornará “referência gramatical” e posteriormente **contexto** linguístico), ἐπίδειξις (“exibição, demonstração” e depois, no período clássico, “declamação”, ligada à **performance** retórica,). As Musas/palavras estão, portanto, na “superfície” da memória, “brotam” periódica e ciclicamente da “montanha” de imagens e sons misturados, que se ordenam em suas performances e produções, estas múltiplas e distintas, mas ligadas, uma sequência, uma cadeia ou rede superficial, tensa, ativa, emergente e viva, produtora de sentidos, uma língua. Saussure (1978), ao tratar do “valor linguístico” observa esta complexa organização do “pensamento” em “língua”:

²⁰Observe-se, ainda, que ‘Eleutera’ é designativo da cidade entre as regiões da Ática e da Beócia, que recebe este nome homenageando seu fundador mítico Dionísio, ὁ Ἐλευθερεύς (“o Libertador”). Memória, então, também como fonte/possibilidade de libertação.

²¹Segundo a primeira acepção de Bailly (1963,p.437): “**A** tr. *montrer: I faire voir, c.àd.1 produire au jour, faire apparaître...*”

Tomado por si só, o pensamento é como uma **nebulosa** onde nada é necessariamente delimitado. Não há ideias pré-estabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua. [...] O pensamento, caótico por natureza, é forçado a se determinar, se decompondo.[...] cada termo linguístico é um pequeno membro, um *articulus*, onde uma ideia se fixa em um som e onde um som se torna o signo de uma ideia. (SAUSSURE, 1978, p.155-156, grifo nosso)²²

Prosseguindo nos desenvolvimentos de sua teoria do valor linguístico, Saussure (1978,p.159) chega a um “princípio paradoxal”: o valor é sempre constituído tanto por algo **dessemelhante** (suscetível de serem **intercambiado**), quanto por duas coisas **similares** (que podem ser **comparadas**); deste modo, por exemplo, ‘*Kalliôpe*’ tem seu “valor” por ser uma deusa diferente de ‘*Athênâ*’, mas também uma Musa semelhante a ‘*Erátô*’. O ponto que se quer ressaltar aqui é que os signos **emergem** na superfície da memória – para usar uma terminologia saussuriana as “**imagens acústicas**” – e **organizam-se**, para usar a terminologia bergsoniana, segundo as suas qualidades como efeitos da **duração e tensão**²³, ou seja só adquirem sentido em uma “continuidade do devir”²⁴ uma “realidade viva” que se mostra em configurações superficiais **mais ou menos fluidas**. Todo texto demanda assim um contexto “durativo e tenso”, além de mutável/contingente, que pode interferir no sentido, dito de outro modo **a “sintaxe” pode mudar radicalmente a “semântica”**, como no caso, empregando ainda um outro exemplo da linguística, do dêiticos, “palavras que mostram”, como ‘este’:

O fenômeno da dêixis dá às línguas naturais uma grande agilidade; em contrapartida, as frases que comportam elementos dêiticos só podem ser interpretadas em estreita conexão com situações determinadas, e a informação que transmitem varia com o variar dessas situações. (ILARI&GERALDI, 2010, p. 67)

A hipótese aqui aventada é que a **dêixis**, como situação/contexto, seja

²²*Prise en elle-même, la pensée est comme une nébuleuse où rien n'est nécessairement délimité. Il n'y a pas d'idées préétablies, et rien n'est distinct avant l'apparition de la langue. [...] La pensée, chaotique de sa nature, est forcée de se préciser en se décomposant.[...] chaque terme linguistique est un petit membre, un articulus où une idée se fixe dans un son et où un son devient le signe d'une idée.* (SAUSSURE, 1978, p.155-156)

²³Observe-se, aqui, o conceito bergsoniano de ‘tensão’: “Em realidade, não há um ritmo único da duração; é possível imaginar muitos ritmos diferentes, os quais, mais lentos ou mais rápidos, mediriam o grau de tensão ou de relaxamento das consciências, e deste modo fixariam seus respectivos lugares na série dos seres.” (BERGSON, 2010, p.243)

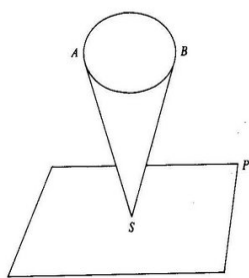
²⁴Bergson (2010, p.157) ainda pontua que : “O erro constante do associacionismo é substituir essa continuidade do devir, que é a realidade viva, por uma multiplicidade descontínua de elementos inertes e justapostos. Justamente porque cada um dos elementos assim constituídos contém, em razão de sua origem, algo daquilo que o precede e também daquilo que o segue, ele deveria assumir aos nossos olhos a forma de um estado misto e de certo modo impuro.”

aquele “princípio originativo” (ἀρχή) – mais “amplo” que das “memórias” isoladas, puramente conservativas, porque desencadeador de ações – “causa” da ‘recordação’ aristotélica como uma cadeia de impulsos significantes. Querendo ou não se recordar é **na** situação/contexto seja físico ou psíquico, que “se mostra” ao sujeito o “**ponto de partida**” (ἀρχὴ κινήσεως) para que os atos de recordação sejam produzidos e/ou se auto-produzam, emergindo até a **superfície da memória**. Eis como Bergson, curiosamente empregando a mesma metáfora saussuriana, caracteriza estes movimentos psíquicos:

Supusemos que nossa personalidade inteira, com a totalidade das nossas lembranças, participava, indivisa, de nossa percepção presente. Então, se essa percepção evoca sucessivamente lembranças diferentes, não é por uma adjunção mecânica de elementos cada vez mais numerosos que ela exerceria, imóvel, uma atração ao seu redor; é por uma **dilatação** da nossa **consciência inteira**, que, **expandindo-se sobre uma superfície mais vasta**, é capaz de levar mais longe o inventário detalhado de sua riqueza. Tal como uma **nebulosa**, vista em telescópios cada vez mais potentes, converte-se em um número crescente de estrelas. [...] não se faz mais do que constatar a **solidariedade dos fatos psicológicos**, sempre dados juntos à consciência imediata como um todo indiviso que somente a reflexão separa em fragmentos distintos. O que é preciso explicar, então, já não é a coesão dos estados internos, mas o **duplo movimento de contração e de expansão** pelo qual a consciência **estreita ou alarga** o desenvolvimento do seu conteúdo. (BERGSON, 2010, p.194-195, grifos nossos)

Tais movimentos são incorporados à teoria das “duas memórias”: a que “repete” e a que “imagina” e representados por Bergson nas suas famosas figuras de cones do capítulo 3 de *Matéria e Memória*, reproduzidas a seguir:

À esquerda, o cone SAB representa a totalidade das lembranças acumuladas na



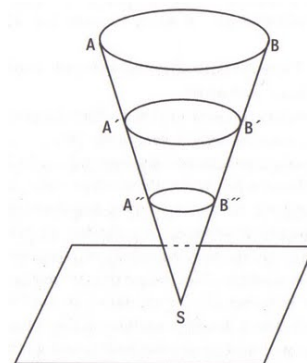
memória, não é, porém, uma representação estática, pois apenas a base AB permanece imóvel no passado, enquanto o vértice S, figurativo do momento presente e onde se concentra a imagem do corpo, “avança sem cessar”, tocando o plano P (o qual também é móvel), este representativo da minha imagem atual do mundo, onde também se insere a imagem do meu próprio corpo. Ao

explicar esta interação Bergson ressalta :

Para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida. (BERGSON, 2010,

p.179, grifo do autor)

Já a figura à direita pretende caracterizar os **movimentos de contração e expansão**, na verdade são uma: “dupla corrente que vai de uma a outra – sempre pronta seja a cristalizar-se em palavras pronunciadas, seja a evaporar-se em lembranças.”(BERGSON, 2010, p.190). As seções A'B', A''B'', etc., figurariam as “milhares e milhares de repetições de nossa vida psicológica”. Ao longo do texto, o filósofo, ressalta, contudo que tais seções são apenas “estados possíveis” da nossa memória como um todo. Assim, a “lembrança pura” ou memória que “imagina” está sempre em uma condição de **virtualidade** ou **em potência**, o que não significa uma inexistência ontológica do passado, muito ao contrário como explica, magistralmente, Deleuze (1999):



Confundimos, então, o Ser com o ser-presente. Todavia o presente *não* é; ele seria sobretudo puro devir, sempre fora de si. Ele não é, mas age. Seu elemento próprio não é o ser, mas o ativo ou o útil. Do passado, ao contrário, é preciso dizer que ele deixou de agir ou de ser-útil. Mas ele não deixou de ser. Inútil e inativo, impassível, ele *É*, no sentido pleno da palavra: ele se confunde com o ser em si. Não se trata de dizer que ele “era”, pois ele é o em-si do ser e a forma sob a qual o ser se conserva em si (por oposição ao presente, que é a forma sob a qual o ser se consome e se põe fora de si). No limite, as determinações ordinárias se intercambiam: é do presente que é preciso dizer a cada instante, que ele “era” e, do passado, é preciso dizer que ele “é”, que é eternamente, o tempo todo. – É essa a diferença de natureza entre o passado e o presente. Mas esse primeiro aspecto da teoria bergsoniana perderia todo sentido se não destacássemos seu alcance extrapsicológico. O que Bergson denomina “lembrança pura” não tem qualquer existência psicológica. Eis porque ela é dita *virtual*, inativa e inconsciente. Todas essas palavras são perigosas, sobretudo a palavra “inconsciente”, que, desde Freud, parece-nos inseparável de uma existência psicológica singularmente eficaz e ativa. [...] Rigorosamente falando, o psicológico é o presente. Só o presente é “psicológico”; mas o passado é a ontologia pura, a lembrança pura, que tem significação tão-somente ontológica. (DELEUZE, 1999, p.42-43, grifos do autor)

A interpretação deleuziana poderia, à primeira vista, parecer contraditória com as considerações de Torrano(2007) que vê o mito das Musas como “presentificações” do Ser, entretanto há que ressaltar que todo mito é, necessariamente, uma narrativa do passado e, consoante com Deleuze, fala daquilo que É “eternamente, o tempo todo”. Na superfície “atual” a dança/canto das Musas-signos organiza e re-vela as formas da realidade em arranjos “manhosos” segundo as determinações do pai *metíeta*; na profundidade/altura “virtual”, Memória, a mãe

medéousa, zela pela substância do Ser.

Mas tais “cisões úteis” para ação prática entre presente e passado, objeto e sujeito, superfície e profundidade são “ilusões” da nossa capacidade cognitiva, a **boa superfície**, superfície viva, produtora de sentido é **paradoxal**, na medida em que isola pondo em contato:

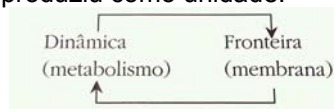
Um mundo envolve já um sistema infinito de singularidades selecionadas por convergência. Mas, neste mundo, constituem-se indivíduos que **selecionam e envolvem** um número finito de singularidades do sistema, que as combinam com aquelas **que seu próprio corpo encarna**, que as estendem sobre suas próprias linhas ordinárias e mesmo são capazes de **reformá-las** sobre as **membranas** que **colocam em contacto** o interior e o exterior. (DELEUZE, 2009, p. 113, grifos nossos)

A constatação desta **ontologia da superfície** transparece, ônticamente, na evolução biológica das “unidades autopoiéticas” como singularidades relacionadas de modo dinâmico numa rede contínua de **interações**:

Pois bem: o que é peculiar a essa dinâmica celular, em comparação com qualquer outro conjunto de transformações moleculares nos processos naturais? É muito interessante: esse metabolismo celular produz componentes e todos eles integram a rede de transformações que os produzem. Alguns formam uma **fronteira**, um limite para essa rede de transformações. Em termos morfológicos, podemos considerar a estrutura que possibilita essa clivagem no espaço como uma **membrana**. No entanto, essa fronteira membranosa não é um produto do metabolismo celular tal como o tecido é o produto de um tear, porque essa membrana não apenas limita a extensão da rede de transformações que produz seus componentes, como também participa dela. Se não houvesse essa arquitetura espacial, o metabolismo celular se desintegraria numa sopa molecular, que se espalharia por toda parte e não constituiria uma unidade separada como a célula. (MATURANA&VARELA, 2010,p.53, grifos dos autores)

Os biólogos cognitivos destacam ainda uma paradoxal unidade entre as superfícies vivas e as dinâmicas, as **membranas** que possibilitam a vida, bem como a continuidade e concomitância desse processo:

O que temos então é uma situação muito especial, no que se refere às relações de transformação química: por um lado, é possível perceber uma rede de transformações dinâmicas, que produz seus próprios componentes e é condição de possibilidade de uma fronteira; de outra parte vemos uma fronteira, que é condição de possibilidade para a operação da rede de transformações que a produziu como unidade:



É importante notar que não se trata de processos sequenciais, mas sim de dois aspectos de um **fenômeno unitário**. Não é que primeiro haja a fronteira, a seguir a dinâmica, depois a fronteira etc. Estamos falando de um tipo de fenômeno no qual **a possibilidade de distinguir** algo do todo (alguma coisa que posso ver ao microscópio, por exemplo) **depende da integridade** dos processos que o tornam possível. [...] A característica mais peculiar de um sistema autopoiético é que ele se levanta por seus próprios

cordões, e **se constitui como diferente do meio por sua própria dinâmica**, de tal maneira que ambas as coisas são inseparáveis. (MATURANA&VARELA, 2010,p.54-55, grifos nossos)

Outro exemplo da superfície como um elemento que **participa** de duas “realidades” distintas (como a “atual” e a “virtual”) e que as une, sem contudo, pertencer completamente a nenhuma delas pode ser encontrado na célebre metáfora sassuriana da “folha de papel”:

A língua é ainda comparável a um folha de papel : o pensamento é a frente e o som o verso; não podemos cortar a frente sem cortar ao mesmo tempo o verso; da mesma forma, na língua, não podemos isolar nem o som do pensamento, nem o pensamento do som; nós não chegaríamos a isso senão por uma abstração, cujo resultado seria fazer psicologia pura ou fonologia pura.

A linguística trabalha, por isso, num terreno limítrofe onde os elementos das duas ordens se combinam; *esta combinação produz uma forma, não uma substância*. (SAUSSURE, 1978, p.157)²⁵

Da **superfície da memória** como **emergência ontológica** de um passado virtual em um presente útil, se deve passar então para a **memória em superfície como recordação cênica** – isto é, como **re-fluxo psicológico** das inúmeras repetições adaptativas bem ou mal sucedidas – a qual teria como “princípio originário” a **ἐπιδείξις**, ou seja, uma **performance declarativa ou motora** que demandaria uma interpretação de um outro, em um **circuito dialógico**. Este “outro”, no âmbito da Psicanálise, é, necessariamente, o analista, considerando-se o dispositivo (*setting*) analítico como “arena” ou “palco” ideal para que a boa superfície de transferência se constitua.

Trata-se agora, para tentar compreender melhor esse processo de comparar os métodos aqui designados como “sintético” (de Bergson) e “analítico” (de Freud). Bergson no seu texto *Introdução à Metafísica* (1903) fornece algumas pistas do seu método:

Há uma realidade, ao menos, que todos aprendemos de dentro, por **intuição e não por simples análise**. É nossa própria pessoa em seu fluir através do tempo. **É nosso eu que dura**. Podemos não simpatizar intelectualmente, ou melhor espiritualmente, com nenhuma outra coisa. **Mas simpatizamos, seguramente, conosco mesmos**.

Quando passeio sobre minha pessoa, suposta inativa, o olhar interior da

²⁵*La langue est encore comparable à une feuille de papier: la pensée est le recto et le son le verso; on ne peut découper en même temps le verso; de même dans la langue, on ne saurait isoler ni le son de la pensée, ni la pensée du son; on n'y arriverait que par une abstraction dont le résultat serait de faire de la psychologie pure ou de la phonologie pure.*

La linguistique travaille donc sur le terrain limítrophe où les éléments des deux ordres se combinent; celle combinaison produit une forme, non une substance.(SAUSSURE, 1978, p.157)

minha consciência, percebo primeiramente, como uma **crosta solidificada na superfície**, todas as percepções que lhe advêm do mundo material. Estas percepções são nítidas, distintas, justapostas ou justaponíveis umas às outras; elas procuram se agrupar em *objetos*. Percebo em seguida lembranças mais ou menos aderentes a estas percepções e que servem para interpretá-las; estas lembranças como que se destacam do fundo de minha pessoa e são atiradas para a periferia ao encontro das percepções que se lhes assemelham; são postas por mim sem que sejam absolutamente eu mesmo. E, enfim, sinto manifestarem-se tendências, hábitos motores, uma multidão de ações virtuais mais ou menos solidamente ligadas a estas percepções e a estas lembranças. Todos estes elementos de formas bem definidas me parecem tanto mais distintos de mim quanto mais distintos são uns dos outros. Orientados para fora, constituem, reunidos, a **superfície de uma esfera** que tende a expandir-se e **perder-se** no mundo exterior. Mas se me concentro **da periferia para centro**, se procuro **no fundo** de mim mesmo o que é mais uniforme, mais constante, mais durável, eu mesmo encontro algo totalmente diferente. (BERGSON, 1984, p.15, grifos nossos)

Observa-se que Bergson contrapõe um “eu profundo” ao “eu superficial”, a direção no método **intuitivo/sintético/metafísico** é, portanto, da superfície para a **profundidade** em busca do que é mais “uniforme”, “constante”, “durável”. Já a Psicanálise pode ser caracterizada como um método **interpretativo/analítico/clínico** que consiste, ao fim e ao cabo, em evidenciar um “saber” de si da **profundidade** para a superfície, porém, como observa Freud:

Essa condição doente é movida pouco a pouco para o horizonte e o raio de ação da terapia, e, enquanto o doente a **vivencia** como algo **real e atual**, devemos exercer sobre ela o nosso trabalho terapêutico, que **em boa parte consiste na recondução ao passado**.

Fazer lembrar, como sucedia na hipnose, dava inevitavelmente a impressão de um experimento de laboratório. **Fazer repetir** no tratamento analítico, segundo a nova técnica, significa **conjurar uma fração da vida real**, e por isso não se pode ser inócuo e irrepreensível em todos os casos. A isto se relaciona todo aquele problema de “piorar durante a terapia”, frequentemente inevitável. (FREUD, 2010, p.202, grifos nossos)

Ora, mas se o objetivo final de ambos os métodos está na “profundidade”, no “passado”, no “centro”, no “Inconsciente” ou no “nome que se dê” e partem da “superfície” ou “presente”, qual é afinal a distinção fundamental entre os métodos? Parece que está no fato do método bergsoniano ser **contínuo linear** (da superfície à profundidade, em via única) e do método freudiano se mostrar **intermitente e cíclico** (da superfície à profundidade e daí de volta superfície, como num circuito, em via dupla). E o motivo seria porque, enquanto o primeiro é **monológico** o segundo é, necessariamente, **dialógico**.

Agregando Bergson e Freud, poder-se-ia pensar, teoreticamente, nos seguintes modelos para os momentos que se dão no **dispositivo analítico**:



Figura 1: Transferência

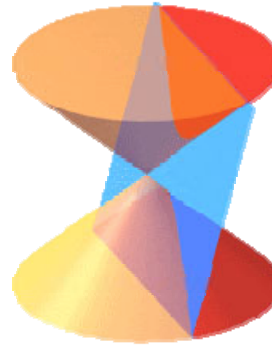


Figura 2: Elaboração

A **Figura 1** retraria a instauração da **transferência** por meio de uma recordação cênica específica, a partir da qual a “imagem-corpo” **do analista** seria tomada pelo analisando como privilegiada e, portanto, se destacaria no conjunto das imagens que compõe sua “imagem atual do mundo” (representadas no esquema de Bergson pelo plano P). A superfície de transferência instaurada pela recordação cênica, que define o dispositivo analítico, pode ser considerada como um caso específico do “acoplamento estrutural interpessoal” de Maturana&Varela, pois:

Sabemos que **as palavras são ações**, e não coisas que passam daqui para ali. É nossa **história de interações recorrentes** que nos permite um **efetivo acoplamento estrutural interpessoal**. Permite-nos também descobrir que compartilhamos um mundo que especificamos em conjunto, por meio de nossas ações. Isso é tão evidente que é literalmente **invisível** para nós. Só quando nosso acoplamento estrutural fracassa em alguma dimensão do nosso existir, refletimos e nos damos conta de até que ponto a **trama** de nossas coordenações comportamentais na manipulação de nosso mundo – e a comunicação – são **inseparáveis** de nossa experiência. (MATURANA&VARELA, 2010, p.255, grifos nossos)

A experiência comunicativa no *setting* analítico tem o caráter especial de, pelas recordações cênicas, evidenciar os ruídos, os atritos, ou ainda melhor as **percussões** entre as “superfícies” (como imagens corpóreas) do analisando e do analista, este último se “oferecendo” na transferência como superfície “acústica” e portanto fazendo **eco** ao analisando com suas “pontuações”; assim, se produziria uma “**música sinestésica**” composta de relatos, pontuações, performances e atuações, durante o processo de análise, que Freud adverte que não será harmônica...Como não foi também a relação entre Eco e Narciso!

São justamente tais perturbações, entretanto poderiam permitir o deslocamento/inclinação do plano P de Bergson (representativo da imagem atual do mundo) em vários ângulos possíveis, um deles mostrado na **Figura 2** e oscilando portanto entre virtualização e atualização. Isso poderia caracterizar as **elaborações** freudianas como **re-percussões**, que, seguindo os movimentos alternados de refluxo psicológico e emergência ontológica, os quais conduziriam a uma **re-configuração** das recordações cênicas e da realidade singular do sujeito e, portanto, introduziriam um elemento **alopoiético** nos automatismos das repetições, , **produzindo**, assim,, algo de **novo** e real no analisando e levando-o, ao longo do processo psicanalítico pela busca do delicado equilíbrio entre necessidade e liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.
(Carlos Drummond de Andrade)

Uma ideia é um pensamento que ficou de pé.
(Bergson)

Recordando o percurso deste estudo, no primeiro capítulo procurou-se evidenciar, com os recortes apresentados, que a profunda ligação entre ontologia, linguagem e memória, “divinizada” pelo mito, teve de ser, em certo sentido “esquecida” para que o *lógos* (discurso) se estabelecesse como “razão”. A solução platônica para o problema do “sentido do ser” pela via da abstração e da Teoria das Ideias, acabou por conduzir a uma epistemologia/psicologia “especializadas”, pressupondo a cisão entre sujeito e objeto, que atinge seu auge no Cartesianismo.

No segundo capítulo, o escândalo representacionista denunciado por Bergson por meio da sua distinção de natureza entre percepção e memória, foi investigado à luz da biologia da evolução de Maturana&Varela que vem atualmente procurando restabelecer ao seu modo, a “verdade” desta “originação co-dependente” com argumentos científicos e pela aplicação do conceito de “acoplamento estrutural” das unidades autopoieticas (como seres vivos) com o ambiente, o que inclui as outras unidades, ao mesmo tempo, objetivou-se alertar, como um manifesto, para as funestas consequências éticas da representação como modelo para o conhecimento.

O advento da psicanálise com Freud, contemporâneo de Bergson, por sua vez, veio também auxiliar a revelar a impropriedade da divisão e/ou espacialização do tempo, que se tornou mais evidente pelo estudo de misteriosas patologias psicofísicas – aprofundado na passagem do século XIX para o XX, este “momento 1900” – as quais se revelaram como um “produto” de um passado singular, em suas repetições, e que parecia encerrar, também a chave para “cura”. Ao longo do terceiro capítulo foram comparados os métodos analítico freudiano e sintético/intuitivo bergsoniano com base em suas peculiaridades, sobretudo no caráter “dialógico” do primeiro em contraponto ao “monológico” do segundo. O denominador comum que se apresentou, pela via da distinção aristotélica entre “memória” e “recordação”, foi o conceito plasmado como “recordação cênica”, o qual

permitiu uma leitura da repetição, da transferência e da atuação psicanalíticas pela “lente” de alguns elementos do aparato conceitual bergsoniano adaptados como a “imagem”, a “duração” e a “tensão”.

O quarto capítulo caminhou na direção de uma ontologia da memória e do passado tendo por base os desdobramentos do conceito de “superfície” e das relações entre pensamento, linguagem e ação, a partir da ligação estrutural entre tempo e realidade, figurada pelo “cone” de Bergson. A interpretação deleuziana estabeleceu a primazia ontológica do passado, o que na visão dele conduziria a uma distinção (mas não contradição) entre “inconsciente ontológico” e “inconsciente psicológico”, o segundo com finalidades práticas e se opondo, em certo sentido ao primeiro, em virtude da “atenção à vida”, destacada por Bergson, esta ligada à “malhas da necessidade”. Foram mostrados alguns dos efeitos possíveis da boa superfície/membrana como aquilo que diferencia mas une, permitindo a comunicação, tanto linguística, quanto “corporal”. Defendeu-se aqui que tais visões holísticas, sintéticas e contínuas não são incompatíveis com a psicanálise e, pelo contrário podem ser úteis clinicamente.

Um exemplo psicanalítico ainda não abordado dessa primazia “ontopsicológica” do passado – e que por si só mereceria um estudo inteiro – é dado por Freud:

No caso de um tipo especial de vivências muito importantes, que têm lugar nos primórdios da infância e que na época que foram vividas sem compreensão, mas depois, *a posteriori* [*nachträglich*], encontraram compreensão e interpretação, em geral não é possível despertar a lembrança. (FREUD, 2010, p.198)

Esse “só depois”(*nachträglich*) presente também na elaboração, aqui designada como “re-percussão”, pode sinalizar a possibilidade de transformação do “passado” / das recordações cênicas, por meio da técnica, mas, sobretudo, como este estudo quis demonstrar, do dispositivo analítico, que confronta e cria superfícies móveis e ativas, pois a interação e a ligação analista-analisando em uma mesma “superfície”, pareceu indicar, sobretudo, a real impossibilidade da auto-análise, ou ao menos revelar que são processos de qualidades e efeitos bem diversos.

Talvez os resultados atingidos possam ser considerados “superficiais”, mas que estas sejam, seguindo a linha e terminologia desenvolvidas no trabalho “boas superfícies”, quer dizer: permitam a interação com outros campos do saber e –

para a evolução das ideias aqui levantadas – possam ser perturbadoras e perturbáveis.

Acima de tudo, tratou-se de evidenciar algumas das inúmeras possibilidades de desdobramento da filosofia bergsoniana, por vezes marginalizada no meio acadêmico. Além disso, o diálogo psicanalítico aqui executado no campo teórico deverá se efetivar pela experiência clínica – fonte e finalidade da psicanálise – sob pena de tornar-se um “ovo sem gema”. Isso não quer dizer que o método psicanalítico seja a única aplicação possível, pois, filosoficamente, há múltiplas vias para o jogo/a luta dialética entre necessidade e liberdade. O importante, em termos evolutivos ou existenciais, como ressalta Bergson é uma “decisão mais rica e nova”, em muitos movimentos viver quantas “vidas” for preciso até que o novo se dê, nas palavras de um ilustre continuador do seu pensamento filosófico:

Não se pode dizer nada mais, nunca se disse nada mais: tornar-se digno daquilo que nos ocorre, por conseguinte, querer e capturar o acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos e por aí renascer, refazer para si mesmo um nascimento, romper com seu nascimento de carne. Filho de seus acontecimentos e não mais de suas obras, pois a própria obra não é produzida senão pelo filho do acontecimento.

O ator não é como um deus, antes seja como um contradeus. Deus e o ator se opõem por sua leitura do tempo. O que os homens captam como passado ou futuro, o deus o vive no seu eterno presente. (DELEUZE, 2009, p.152-153)

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia – volume 1**. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

ARISTOTLE. ***On memory and recollection, text, translation and commentary***: G. R. T. Ross, Cambridge, 1906. Cambridge: Harvard University Press, 1957 (LOEB Classical Library – **Aristotle VIII**).

BAILLY, Anatole. ***Dictionnaire Grec-Français***. 26. ed. Paris: Hachette, 1963.

BECHARA, Evanildo. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

BERGSON, Henri. **Cursos sobre a Filosofia Grega**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005 (Tópicos).

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio da relação do corpo com o espírito**. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010 (Biblioteca do pensamento moderno).

BERGSON, Henri. ***Matière et mémoire: essai sur la relation du corps à l'esprit***. 8^e ed. Paris: Quadrige/PUF, 2010 (*Le Choc Bergson – La première édition critique de Bergson sous la direction de Frédéric Worms*).

BERGSON, Henri. *Introdução à Metafísica* in: **Cartas, conferências e outros escritos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os pensadores).

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Estudos; 35).

FREUD, Sigmund. *Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II (1914))* in: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado um autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913)** – tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. 7.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

GOBRY, Ivan. **Vocabulário grego da filosofia**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

KURY, Mário da Gama (Tradutor). **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres** / Diôgenes Laêrtios. 2. ed., reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios; 8).

MARIOTTI, Humberto. **Prefácio** à 8ª edição de **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena Editora, 2010.

MATURANA, Humberto R. & VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. 8. ed. São Paulo: Palas Athena Editora, 2010.

PLATÃO. **Teeteto (ou Do conhecimento)** - Diálogos I (Socráticos) / Platão; tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2008 (Clássicos Edipro).

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale**— *édition critique préparé par Tullio de Mauro*. Paris: Payot, 1978. (Payothèque).

TORRANO, Jaa. **Teogonia: a origem dos deuses** / Hesíodo; estudo e tradução Jaa Torrano. 7. ed. São Paulo: Iluminuras, 2007. (Biblioteca Pólen).

WORMS, Frédéric. **Bergson ou os Dois Sentidos da Vida**. São Paulo: Unifesp, 2010.

WORMS, Frédéric. **La philosophie en France au XX^e siècle. Moments**. Paris: Gallimard, 2009.

Capa: MAGIC MIRROR, M.C. ESCHER - litogravura (1946)